



CENTAUR

LEV TOLSTOI

A Sonata a Kreutzer

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Lev Tolstoi

A SONATA A KREUTZER

Título original: *Kreutzerova Sonata* (1889)

Tradução: Maria Benedita Pinho (1864-1939)

Revisão: Ângelo dos Santos Pereira

2013 © Centaur Editions

centaur.editions@gmail.com

www.facebook.com/centaur.editions

ÍNDICE

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

XXVII

XXVIII

NOTAS

I

Estávamos no princípio da primavera. Havia dois longos dias e uma não menos longa noite que viajávamos em comboio.

Em cada estação, entravam ou saíam passageiros, no nosso compartimento.

Comigo, ficavam permanentes, mais três viajantes: uma senhora de meia-idade, de feições repuxadas, de cigarro na boca, de gorro na cabeça, vestindo um sobretudo masculino; ao lado, o seu companheiro, alegre, aparentando quarenta anos, trajando correta e elegantemente e, afastados de todos um sujeito idoso, baixo, nérveo, de olhar brilhante, vivo, extraordinariamente móbil. Tinha na cabeça um *bonnet* de astracã e vestia um sobretudo com gola da mesma pele, e sob o qual se via a veste curta e a camisa com bordados russos. Durante todo o trajeto nem uma só palavra dirigira a qualquer passageiro, afetando a preocupação de quem não deseja relacionar-se. Ora lia e fumava, ora preparava uma chávena de chá, ora comia fatias de pão com manteiga, que tirava de um velho saco.

Se lhe dirigiam a palavra, as suas respostas eram breves e secas, e o seu olhar ia perder-se na paisagem fugidia. Notei, contudo, que a solidão lhe pesava.

Parecia adivinhar o meu pensamento e, quando os nossos olhares se encontravam, — o que era frequente, pois ocupávamos lugares fronteiros — ele desviava o seu, como para evitar dirigir-se-me.

Ao cair da noite o comboio parou numa estação importante. O sujeito elegante — vim depois a saber que era advogado — desceu com a sua companheira para ir ao bufete beber uma chávena de chá.

Novos passageiros subiram: um velho de avantajada estatura, com a barba feita de fresco e a fronte sulcada de rugas — um comerciante, sem dúvida — envolto numa peliça de lontra, de cabeça coberta por chapéu alto e bicudo. Sentou-se no lugar fronteiro ao do advogado.

Com ele entrou um rapaz novo, tipo de caixeiro viajante. O rapaz preveniu o velho de que o lugar da frente estava ocupado, o velho respondeu que desceria na primeira estação e a palestra entabulou-se entre os dois.

Eu, estava perto deles, e devido à imobilidade do comboio, podia ouvir alguns trechos da sua palestra... Falaram da viagem, do comércio, de uma pessoa que ambos conheciam e, por último, de Nijni-Novgorod. O caixeiro queria contar ao velhote as orgias a que assistira, nessa feira, mas este interrompeu-o para encetar a narrativa daquelas em que, outrora, tomara parte ativa, em Kounavino. Evocava essas recordações com um certo desvanecimento, persuadido de que essas histórias em nada prejudicavam nem o seu brio, nem a sua dignidade. Todo ufano, contava como um dia, em Kounavino, estando embriagado, se entregara a tal deboche que só ao ouvido poderia ser contado. O caixeiro, ao receber a confidência, ria perdidamente e o velho ria também, mostrando dois dentes amarelados.

A conversa não tinha interesse para mim. Desci para desentorpecer as pernas, enquanto não dava o sinal de partida.

Na gare encontrei o advogado e a sua cliente, falando com animação.

— Não se demore — disse-me ele — vão dar o segundo sinal.

Efetivamente, mal eu atingira a cauda do comboio, tocou a campainha.

Quando subi para a carruagem, o advogado e a senhora continuavam conversando.

À frente deles o comerciante mantinha-se silencioso, premindo os lábios com ar de desdém.

Quando eu passava, o advogado dizia, sorrindo:

— Ela então declarou ao marido que não podia nem queria continuar a viver com ele, e...

Não ouvi o resto. Passava o revisor e entravam mais passageiros.

Restabelecido o silêncio ouvi novamente a voz do advogado, pareceu-me que a conversa se desviava de um caso particular para considerações gerais.

O advogado observava que a questão do divórcio interessava, hoje, toda a Europa.

Na Rússia, os casos de divórcio eram cada vez mais frequentes.

Sorriu ao notar que era o único a discorrer, e voltando-se para o comerciante:

— Não era assim nos bons tempos de outrora?

O comboio punha-se em movimento. Sem responder, o velho descobriu-se, persignou-se três vezes, murmurou uma oração e, finda esta, enterrou o chapéu na cabeça e disse:

— Sempre assim foi. Não tanto. Hoje, essas coisas são forçadas... É a educação que o exige.

O advogado replicou. Mas o barulho do comboio, que aumentava de velocidade, impediu-me de perceber. Aproximei-me, curioso de ouvir a resposta do velho. A palestra parecia interessar igualmente o meu vizinho — o sujeito nervoso — pois que prestava toda a atenção, embora não abandonasse o seu lugar.

— Onde está a culpa da instrução? — perguntou a senhora, esboçando um sorriso. — Era melhor o casamento quando os noivos se uniam sem sequer se conhecerem? — continuou ela, respondendo, hábito frequente nas mulheres, não aos argumentos apresentados, mas àqueles que o podiam ser. — Amavam-se? Poderiam amar-se? Não o sabiam. A mulher desposava o primeiro que aparecia e habilitava-se, assim, para uma vida de tormento. Era isto preferível? — concluiu dirigindo-se mais ao advogado e a mim do que ao velho com quem encetara a discussão.

— Há demasiada instrução, nos nossos dias — repetiu o velho, respondendo à pergunta com um olhar desdenhoso.

— Gostava de ouvi-lo explicar a analogia que vê entre a instrução e as desavenças conjugais — disse o advogado, disfarçando um sorriso.

O comerciante ia responder, mas a senhora interveio:

— Esse tempo acabou.

— Permita que este senhor exponha as suas ideias — disse o advogado.

— Porque já não existe o respeito — disse o velho em tom sentencioso.

— Mas como podem respeitar-se pessoas que se não amam? Só os animais acasalam à vontade do dono, os homens são impelidos pelas suas simpatias e pelas suas inclinações — concluiu a senhora lançando um olhar ao advogado, a mim e até ao caixeiro que, de pé, encostado ao sofá, seguia, sorridente, a discussão.

— É um erro, minha senhora — disse o velho — o animal é um animal, mas o homem vive sujeito à lei.

— Seja como for. Como pode a mulher viver com um homem que não ame? — replicou a senhora, convencida de que emitia ideias originais.

— Modernismos! — teimou o velho. — Outrora não se pensava em tal coisa. À mais leve questão a mulher moderna abespinha-se e declara ao homem que vai deixá-lo. Até as camponesas já sabem arremessar aos pés do marido a roupa dele, para se lançarem nos braços de outro porque tem o cabelo mais frisado! De que servem

palavras? O dever da mulher é este: temer o homem. O único sentimento que a mulher deve sentir é o temor.

O caixeiro olhou para o advogado, para a dama e para mim, reprimindo um sorriso e pronto a ridicularizar ou a aplaudir as palavras do comerciante, segundo a nossa atitude.

— Que temor? — perguntou a senhora.

— Este: a mulher deve tremer perante o marido.

— Meu caro senhor, esse tempo já lá vai.

— Não tanto como parece, minha senhora. Eva, a primeira mulher, nasceu de uma costela do homem: esta verdade permanecerá até ao fim do mundo.

Dizendo isto, o velho sacudiu a cabeça, num gesto tão triunfante e tão solene que o caixeiro lhe concedeu os louros da vitória, fazendo ouvir uma sonora gargalhada.

— Eis a maneira de julgar dos homens! — disse a senhora, não querendo dar-se por vencida. — Querem a liberdade só para si e a escravidão para a mulher. Aos homens, tudo é permitido, não é assim?

— O homem é outro caso.

— É a sua opinião? Ao homem tudo é permitido?

— Ninguém diz tal. Mas o mau comportamento do homem não aumenta a família, enquanto a mulher, a esposa... É vidro muito frágil — concluiu severamente o velho.

O calor das suas palavras parecia dominar o auditório. Posto que embaraçada, a senhora não quis render-se.

— No entanto a mulher é também uma criatura humana, tem sentimentos como o homem. Que há de fazer se não amar o marido?

— Se não amar o marido? — gritou o velho. — É boa! Aprenderá a amá-lo!

Esta conclusão imprevista encantou o caixeiro, que teve um murmúrio aprovador,

— Engana-se. Nunca aprenderá. O amor não se implanta à força.

— E se a mulher enganar o marido — interrogou o advogado — o que sucede?

— Não deve enganá-lo — disse o velho. — Vigia-se.

— Mas se, apesar de tudo, o facto se der? Porque não há dúvida que se dá...

— Num outro meio, pode ser. No nosso, nunca — disse o velho. — Se o marido for tão idiota que não saiba ser soberano, em sua casa, tanto pior para ele. Em todo o caso, o escândalo é inútil. Exista ou não exista amor, o lar não deve sofrer com isso. Todo o marido pode dominar a mulher. Tem os argumentos nas mãos. Só os imbecis o ignoram.

Seguiu-se um silêncio.

O caixeiro, não querendo deixar de tomar parte na discussão, disse, com o seu eterno sorriso:

— Um dos meus amigos foi vítima de um escândalo bem triste. A mulher, uma doidivanas, não tardou a fazer das suas. O marido era um homem inteligente e sério. O primeiro amante da mulher foi o escriturário. O marido tentou levá-la ao bom caminho; admoestou-a brandamente. Ela não fez caso. Roubou dinheiro ao marido. Este bateu-lhe. A situação agravou-se. Entregou-se a um judeu e a outros. Que fazer? Deixou-a abalar e hoje vive como celibatário, enquanto ela corre o mundo, descendo cada vez mais.

— Era um parvo — disse o velho. — Se tem sabido domá-la desde o princípio, ainda hoje a teria consigo. É preciso ter sempre as rédeas altas: em casa à mulher, na estrada ao cavalo.

Neste momento entrava um empregado, pedindo os bilhetes para a próxima estação. O velho entregou o seu.

— Pode crer — prosseguiu o comerciante — as mulheres devem ser enfreadas a tempo. De contrário está tudo perdido.

— Esse raciocínio não o impede de divertir-se um pouco com as bonitas raparigas de Kounavino? — perguntou o advogado, com um sorriso irónico.

— O senhor desloca a questão — replicou friamente o comerciante.

E não disse mais uma palavra.

Daí a pouco, ouvia-se um apito agudo e o comboio parava.

O velho ergueu-se, embrulhou-se na peliça, levou a mão ao chapéu e desceu.

II

Apenas o velho saiu, travou-se animada palestra.

— Um homem do velho testamento! — disse o caixeiro.

— Um verdadeiro Domostroi¹ — disse a senhora. — Que ideias atrasadas sobre o casamento!

— Estamos ainda longe de ter, sobre o casamento, as ideias do resto da Europa — disse o advogado. — Em primeiro lugar os direitos da mulher, o casamento civil e a questão do divórcio, ainda pendente...

— Não é possível fazer compreender a esta gente — interrompeu a senhora — que só o amor consagra o casamento e que só o casamento consagrado pelo amor é realmente legítimo.

O caixeiro sorria, era todo ouvidos, para reter, quanto possível, as opiniões ilustradas e delas fazer seu proveito em ocasião oportuna.

— Que amor é esse que consagra o casamento? — perguntou, de súbito, o sujeito nervoso, que se aproximara sem que déssemos por tal.

Estava de pé, apoiando-se às costas do sofá, visivelmente comovido: a face congestionada, as veias salientes, os músculos do rosto contraídos.

— Que amor? — repetiu a senhora. — O amor conjugal.

— E como pode o amor conjugal consagrar o casamento? — perguntou o sujeito, sempre perturbado, quase colérico, prestes a ser insolente.

A sua interlocutora compreendeu-o e essa circunstância ainda mais a excitou.

— Como? É uma coisa bem simples.

Ele replicou:

— Absolutamente nada simples.

— V. Ex.^a quer dizer — disse o advogado para a sua cliente — que o casamento deve ser a consequência do amor e que só nestes casos é sagrado. O casamento, realizado sem ter por base uma verdadeira simpatia não forma um laço moral. Parece-me ter compreendido a sua ideia, não é verdade?

A senhora fez um gesto de aprovação.

— Além disso... — prosseguiu o advogado.

Mas o outro, impaciente, interrompeu-o.

— Sim; mas o que entende o senhor por «amor que consagra o casamento»?

— Ninguém ignora o que é o amor —olveu a senhora.

— Eu não o conheço. E muito gostaria de ouvir V. Ex.^a definir-mo.

— É bem simples...

Recolheu-se um momento e continuou:

— O amor... O amor é a preferência exclusiva de um homem ou de uma mulher por um indivíduo de sexo diferente.

— Uma preferência... Por quanto tempo? Por dois dias? Por um mês? Por meia hora? — perguntou ele com amarga ironia.

— Perdão. Refere-se certamente a outra coisa.

— Não há tal. Refiro-me absolutamente à mesma coisa. Quero dizer à preferência de um indivíduo de sexo diferente, e pergunto: quanto tempo dura essa preferência?

— Quanto tempo?... Muito. Às vezes dura toda a vida.

— Nos romances, sim. Na vida real, nunca. É bem raro ver essa preferência durar anos. Na maioria dos casos, dura meses, semanas, dias ou mesmo horas!

— Ora essa!

— Isso não!

— Perdão!

Estas exclamações saíram simultaneamente dos nossos lábios.

O próprio caixeiro teve um gesto de reprovação.

— Sim, bem sei. Os senhores falam do que julgam ver. Eu falo do que realmente é. Todo o *homem* sente o que os senhores chamam amor perante a mulher bonita, e muito raras vezes pela sua própria mulher. De resto, lá diz o provérbio, e com bastante verdade: a mulher do próximo é um pêssego, a nossa é amêndoa amarga.

— Mas o senhor diz coisas horríveis! O amor existe e dura não só meses, não só anos, mas durante toda a vida! Não é verdade? — disse a senhora.

— Não. É absolutamente falso. Suponha que Menelau houvesse sempre preferido Helena. Isso não impediria que Helena lhe preferisse Páris. É a eterna verdade. O contrário é impossível, como impossível é num vagão cheio de grão encontrarem-se dois grãos previamente assinalados. Não se trata de uma simples probabilidade, mas de um facto: Helena teria aborrecido Menelau ou Menelau se teria enfastiado de Helena. Esta fadiga vem mais cedo a uns do que a outros. É a única diferença. Só nos romances reles é que o amor não tem fim. Só as crianças podem crer em tal. Amar um homem ou amar uma mulher toda a vida é teimar que uma vela

pode arder eternamente — concluiu lançando algumas baforadas de fumo.

— Mas o senhor refere-se ao amor sensual. Não admite o amor fundado na conceção de um mesmo ideal, proveniente de um idêntico estado de alma?

— Seja. Mas, nesse caso, para quê dormirem na mesma cama? Desculpe-me a brutalidade. Ter o mesmo ideal não é razão para terem o mesmo leito. Além disso, essa harmonia só se descobre em mulheres novas e bonitas, nunca em mulheres feias — insistiu, com sorriso sardónico. — Eu pretendo que o verdadeiro amor é uma causa de dissolução no casamento em vez de ser, como os senhores julgam, a sua consagração.

— Os factos provam o contrário — respondeu o advogado. — O casamento existe, não só entre nós, como na maioria dos povos, e muitos casais vivem durante muito tempo, unidos e felizes.

O sujeito nervoso teve uma risadinha:

— Perdão. O senhor afirmou que o amor é a base do casamento. Eu emito a dúvida sobre a existência de outro amor que não seja o amor sensual. Que faz o senhor? Dá-me o casamento como prova de amor. Mas o casamento hoje em dia é um misto de burla e de violência.

— há de permitir — objetou o advogado — eu referia-me à existência do casamento, quer nos nossos dias, quer em épocas passadas.

— E qual é a sua razão de ser? É o facto de para muitos ele representar o quer que seja de sagrado, um laço perante Deus. Para aqueles que assim pensam existe realmente, mas apenas para esses. Para nós não passa de uma hipocrisia, de uma violência. Nós

bem o compreendemos e é para libertar-nos que pregamos o amor livre, que preconizamos uma reação a favor da promiscuidade dos sexos um regresso ao estado primitivo, à posse em comum da mulher. Desculpe, minha senhora. A velha base está podre. Procuremos outra, mas não preguemos o deboche.

Falava com tanta exaltação que todos nós o ouvíamos, silenciosos e atentos.

— Este estado transitório é terrível. Sente-se a necessidade de, por qualquer forma, pôr diques ao pecado universal, regulamentar as relações sexuais mas temos apenas a antiquada base, que ninguém respeita. Unem-se com o ritual de outrora, mas sem convicção, e daí nos vem todo o mal... daí vem a mentira, daí vem a violência! E quando é só mentira, passe! O homem e a mulher pretendem passar por monógamos quando realmente são poliandros ou polígamos? É mau, contudo, é aceitável. Mas quando o homem e a mulher são constrangidos, sem mesmo saberem porquê, a ficarem unidos para a vida inteira, quando, passados dois meses, desejam separar-se, e o casamento os impede de tal, então começa a vida infernal que conduz à embriaguez, à ferocidade, ao assassinato, ao envenenamento e ao suicídio!

Todos permaneciam silenciosos, como que embaraçados. Querendo desviar a conversa desse terreno inconveniente e brutal, o advogado disse:

— Efetivamente, há bem maus bocados no casamento. Olhe o caso Pozdnychev, por exemplo, sabem como ele, arrastado pelo ciúme, matou a mulher?

A senhora disse ignorar essa história.

O sujeito nervoso calou-se, alteravam-se-lhe as feições, e bruscamente disse:

— Vejo que me reconheceu...

— Não tive esse prazer.

— O prazer não é grande. Sou Pozdnychev.

Fez-se um silêncio. Ele empalideceu ainda mais.

— De resto, pouco importa — disse. — Desculpe-me. Não desejo importuná-los.

Retomou o seu lugar.

Eu voltei igualmente para o meu. O advogado e a sua cliente começaram falando em voz baixa.

III

Eu ficava defronte de Pozdnychev e conservava-me silencioso, mau grado o desejo que sentia de lhe dirigir a palavra. Mas não sabia como entabular cavaco e, como estava muito escuro para ler, cerrei os olhos e fingi dormir.

Assim decorreu uma hora.

Na primeira estação desceram a senhora e o advogado. O caixeiro ressonava.

— E dizem coisas destas! Mentem ou não compreendem o que dizem — disse subitamente Pozdnychev.

— Hum! A que se refere?

— Sempre ao mesmo assumto.

Fincara os cotovelos sobre os joelhos e descansava o queixo sobre as mãos.

— O amor! O casamento! A família! Mentira, tripla mentira!

Pozdnychev ergueu-se, correu o transparente da lâmpada e deitou-se encostando-se às almofadas.

E fechou os olhos.

— A minha companhia deve ser-lhe pouco agradável depois de saber quem sou...

— Por quem é!...

— Não quer dormir?

— Não. Não me sinto fatigado.

— Nesse caso... pode ouvir a minha história.

Neste momento entrava o revisor.

Pozdnychev lançou-lhe um olhar irritado e esperou que ele saísse para encetar a sua narrativa.

Depois, uma vez encetada esta, não mais se interrompeu, nem mesmo à entrada de novos passageiros.

Os seus olhos, a sua boca, a sua própria barba tomavam uma expressão diversa. Era uma outra fisionomia: bela e tocante.

Estas modificações produziam-se na meia obscuridade — duravam cinco minutos — e de súbito uma expressão diferente vinha substituir a primeira, tornando-o por vezes irreconhecível.

IV

— Vou contar-lhe a minha vida e a minha história. História horrível, mais horrível do que o próprio desenlace.

Calou-se, passou a mão pela fronte e prosseguiu:

— Começo. É preciso dizer tudo: as razões que me levaram ao casamento, a minha vida de solteiro e, primeiro que tudo, devo dizer-lhe quem sou. Meu pai, rico proprietário e antigo marechal, pertencia à nobreza. Frequentei a Universidade, onde concluí o curso de direito. Quando me casei tinha feito trinta anos. Mas antes de contar-lhe a história dos meus amores é preciso que lhe diga qual foi a minha vida de rapaz e quais as ideias bebidas no lar paterno. Levei uma vida desregrada, como todos os rapazes da minha roda, e, como eles, convencia-me de que essa vida era perfeitamente moral. Essa ideia provinha do facto, de na minha família não existirem os desregramentos tão frequentes em casa dos nossos vizinhos. Meu pai e minha mãe eram rigorosamente fiéis um ao outro. Por isso eu fantasiara um lar modelo, cheio de pureza e de poesia. Minha mulher devia ser a própria perfeição, o nosso amor ideal, faria do nosso lar um templo de todas as virtudes. E estes sonhos envaideciam-me.

»Assim passei dez anos, sem pensar em casamento. A meus olhos, a vida que levava era perfeitamente razoável e sensata. E muita vez, perante os meus amigos, conhecedores de todos os deboches, eu me gabei da minha moralidade. Não era um *Don Juan*. Não conhecia prazeres perversos. Não vivia unicamente para o gozo.

As mulheres com quem tinha relações não eram unicamente minhas, só as procurava para gozo de ocasião. Nada mais natural. Não prendia o coração e como pagava generosamente a moral estava salva. Fugia dessas mulheres fáceis de afeiçoar-se e que, dando-me um filho, prejudicariam o meu futuro. De resto, houvesse ou não uma certa afeição da sua parte, eu arranjava-me sempre de maneira que lhes não desse direito a julgarem-se retribuídas. E nisto consistia o que eu chamava *a minha moralidade*.

»Não via que o deboche não consistia unicamente nos atos físicos, que o deboche físico não é propriamente deboche, que a verdadeira imoralidade está justamente nessa isenção de laços morais entre nós e a mulher com quem temos relações sexuais. E era esta isenção que me tornava orgulhoso! Ainda me recordo quanto me incomodou, uma ocasião, não poder pagar a uma mulher que se me entregara por amor. Só me senti bem depois de lhe ter enviado dinheiro, cortando assim todo e qualquer laço moral entre nós. É inútil aprovar-me com o gesto! — disse subitamente Pozdnychev. — Compreendo-o. Todos nós assim pensamos. E se o senhor não fosse da mesma opinião, seria um caso excepcional. Neste momento, concorda comigo, mas é só neste momento que assim pensa!

»Ah! Se eu tivesse tido alguém que me falasse como eu hoje falo, não teria sofrido o que eu sofri!... De resto... Que importa? Desculpe-me — prosseguiu ele — e creia-me. É medonho! Horivelmente medonho esse turbilhão de erros e de deboche que de nós se apodera. Quanto à verdadeira questão dos direitos da mulher...

— E o que entende por *verdadeira questão dos direitos da mulher*?

— O dever de estudar bem esse ente cujo organismo tanto difere do nosso, de tentar compreender o que se passa no seu íntimo, e sobretudo de estudar a maneira como devemos considerá-la.

V

— Durante dez anos levei essa vida de devasso, alimentando o sonho, que era quase uma obcecação, de um amor puro e santo. Quero contar-lhe as circunstâncias em que matei minha mulher, mas primeiro devo contar-lhe o que me perdeu. Matei-a antes de ter aprendido a conhecê-la, porque, de facto, já a tinha morto no dia em que, pela primeira vez, compreendi que não a amava. Foi só depois de ter sofrido o que sofri, e graças a esse mesmo sofrimento, que eu compreendi a minha falta, a nossa falta, e de onde provinha o mal. Ouça agora, com atenção, a causa da minha desgraça.

»A origem data dos meus dezasseis anos. Eu estava no colégio, meu irmão na Universidade. Ainda não conhecia a mulher, mas, como todos os infelizes da minha idade, havia já perdido a inocência. Durante mais de um ano fui o menino mimoso do colégio. A ideia da mulher perseguia-me. Não a ideia de uma e determinada mulher, mas a da mulher em geral, desse ente doce e formoso. Obcecava-me o desejo da mulher nua. Passei torturas, como o senhor as deve ter passado, como sucede com noventa e nove por cento dos nossos rapazes. Vivia em contínuo sobressalto. Rezava. Em vão! Perverso já eu o estava quer na imaginação, quer na realidade. Contudo não dera ainda o último passo. Caminhava para a minha perdição e ainda não tocara um ser humano. Ainda poderia salvar-me!

»Infelizmente, entrou para o colégio um amigo de meu irmão, estudante alegre e bom rapaz, como vulgarmente lhes chamam.

Quer dizer: o pior dos doidivas. Ensinou-nos a beber, a jogar às cartas e um dia, tendo-nos embriagado, conduziu-nos ao lupanar. Meu irmão, tão inocente como eu, ficou conhecendo o mal. Eu, uma criança de dezasseis anos, maculei-me, maculando, ao mesmo tempo, o meu ideal: a mulher, sem compreender o alcance da ação praticada, pois que ninguém me prevenira do mal. Podia tê-lo sabido pela Bíblia, onde o assunto é largamente tratado, mas da Bíblia apenas sabíamos o bastante para responder às perguntas do padre. Nos nossos estudos, o grande livro ocupava um lugar inferior à regra dos casos em que, nas frases condicionais, se deve empregar o *ut*.

Nenhum dos amigos, cuja opinião eu respeitava, me disse que eu procedera mal. Pelo contrário, algumas pessoas da minha amizade achavam esse facto perfeitamente natural. Haviam-me apresentado esse acontecimento como termo dos meus tormentos. Ouvira muita vez esta opinião, e muita vez a lera. Haviam mesmo acrescentado que era bom para a saúde. Os meus camaradas orgulhavam-se disso, olhando o facto como prova de virilidade e não como coisa digna de censura. Quanto aos riscos de qualquer enfermidade, era coisa prevista. O governo vela e a própria ciência facilita a corrupção.

— A ciência? Como? — perguntei.

— Os médicos são os pontífices da ciência. Pervertem os rapazes aconselhando-lhes tais regras higiénicas e pervertem as raparigas indicando-lhes a maneira de não terem filhos. Se para evitar o deboche se empregassem os esforços empregados para curar as doenças que daí proveem, a devassidão não existiria. Mas se, pelo contrário, todos esses esforços concorrem para torná-la maior, visto que tendem para torná-la inofensiva!

»Mas não era disto que eu queria falar. Caí! Esta desgraça sucedeu-me, como sucede à maioria dos rapazes, não só aos fidalgos mas aos próprios populares. Caí... não, porque a esse ato me levasse a sedução sobre mim exercida por determinada mulher, mas sim porque essa queda, que para mim fora um incidente, é por todos encarada como alívio legal e útil para a saúde, um mero passatempo, perfeitamente desculpável e até inocente. Que se chamasse queda a esse ato, misto de necessidade e de prazer, eis o que eu não podia compreender. A minha juventude habituou-se a isso, como se habituara a beber e a fumar.

»E contudo, houve, nessa primeira queda, o que quer que fosse de tocante. Lembro-me que, logo após se ter dado o facto, me senti profundamente triste. Arrasaram-se-me os olhos de água ao pensar na profanação da minha inocência, na eterna profanação das minhas relações normais com a mulher. Desde esse momento ficara impossibilitado de ter relações puras com a mulher. Era um homem perdido! Ser um homem perdido é ter caído na degradação do fumador de ópio ou do bêbado. O fumador de ópio, o bêbado, deixaram de ser entes normais. Assim acontece ao homem que conheceu o prazer com várias mulheres. É um homem ao mar.

»Assim como, à primeira vista se reconhece o fumador de ópio ou o bêbado, assim se reconhece o homem perdido, pela sua maneira de ser particular. Esse homem pode lutar contra as suas paixões: em vão. Estão-lhe para sempre vedadas as relações simples, fraternais, com a mulher. Os seus olhos não podem fitar uma rapariga sem traírem o seu segredo. Fui e fiquei sendo um homem perdido.

VI

— Assim foi, assim continuou. Deus meu! Quando evoco a lembrança de todas as más ações então praticadas, sinto-me horrorizado. E pasmo, recordando a troça que os meus camaradas faziam dos meus escrúpulos. E quando penso na juventude elegante, nos oficiais, nos parisienses? Quando penso no ar honesto que todos afetamos, nós, os devassos de trinta anos, com a consciência carregada de mil crimes, quando nos apresentamos numa sala de baile, corretos, barbeados... Ideal da honestidade! Um verdadeiro sonho! Meditemos um momento no que sucede e vejamos o que devia suceder.

»Quando um desses debochados se aproxima de minha irmã ou de minha filha, eu, que sei a vida por ele levada, devia chamá-lo de parte e dizer-lhe: *Amigo, conheço a tua devassidão, sei quais são os teus costumes, o teu lugar não é aqui, entre as jovens honestas e puras.* Eis o que deveria dizer. E, no entanto, o que digo? Quando um desses libertinos se apresenta, quando dança com minha irmã ou com minha filha, enlaçando-lhe a cinta com os braços, sorrimos de prazer se o pretendente é rico e bem aparentado. Que nojo! Tempo virá em que todas estas cobardias, todas estas mentiras sejam desmascaradas!

»Assim vivi até aos trinta anos, acalentando sempre o sonho do casamento e da família. Observava as raparigas. Vicioso, devasso, ousava procurar aquela cuja pureza fosse digna de mim! Lancei as vistas sobre uma das filhas de um velho proprietário de Peuza,

outrora rico, e agora completamente arruinado. A mãe armou-me muitas e variadas armadilhas: até que uma deu resultado. Um passeio em bote decidiu do meu destino. Era numa noite de luar. Sentado perto *dela*, não podia desviar os olhos do seu busto esbelto, cujas formas eram provocadoramente desenhadas pelo corpete, bastante justo. Perturbavam-me os anéis revoltos do seu cabelo dourado. E subitamente compreendi: era *ela*.

»Parecia-me que os meus pensamentos e todas as vibrações do meu ser nela encontrava um eco. Na realidade, eu encontrava-me apenas sob o poder fascinador que sobre mim haviam exercido os encantos da sua plástica e o ouro sedoso dos seus cabelos. A intimidade, gozada nesse passeio, despertara em mim o desejo de experimentar a doçura de uma intimidade ainda maior. Regressei a casa com o coração a transbordar de enternecimento. Convencido de que ela era a mais perfeita entre as mulheres, resolvi dar-lhe o meu nome. No dia seguinte pedi a sua mão.

»Entorpecidos pelo meio falso em que vivemos só damos pelos seus funestos resultados quando o mal já não tem remédio. Foi o que me sucedeu. Que complicada situação! Entre milhares de noivos, quer do povo, quer da nobreza, quantos se encontram puros? Dizem-me que, hoje em dia, há homens honestos que compreendem e praticam a castidade. Deus os abençoe! No meu tempo não havia nenhum. Todos o sabem e todos procedem como se o não soubessem. Nos romances, descrevem-nos minuciosamente a maneira de pensar e de sentir dos protagonistas. Sabemos quais as flores, quais as nascentes, quais os bosques por eles preferidos. Mas não dizem uma palavra sobre a sua vida anterior. Não nos contam as visitas aos lupanares, nem as suas

conquistas, no meio fácil, das criadas de servir e das costureiras. Não nos dizem quantos adultérios ajudaram a praticar. Se o dissessem, não os deixaríamos ler às raparigas solteiras. Todos os homens ocultam instintivamente às raparigas, e até a si próprios, o fundo do seu pensamento.

»Ao ouvi-los censurarem o deboche dos grandes centros, ninguém dirá que nesse deboche se comprazeram durante longos anos. Afirmam a sua náusea com tal calor que convencem quem os ouve, acabando por convencerem-se a si próprios. As pobres raparigas acreditam-nos. Foi o que se deu com minha desgraçada mulher. Lembro-me de, quando noivo, lhe ter mostrado o meu jornal íntimo, pondo-a assim, ao facto do meu passado e principalmente da minha última ligação. Julgara do meu dever usar para com ela de tal franqueza. Ao compreender a minha revelação, o seu desespero e o seu terror foram tais que, por momentos, julguei que recusaria a minha mão. Que felicidade isso teria sido para ambos!

Pozdnychev fez uma pausa. Depois prosseguiu:

— E depois... talvez não. Mais vale que assim fosse. Tive o castigo merecido. Não pensemos mais nisto. O que eu queria dizer era: nestes casos as raparigas são as iludidas. As mães nada ignoram, afetando acreditar na pureza dos homens, procedem exatamente como quem, a esse respeito, não conserva ilusões. Não ignoram a maneira de engodar e de atrair o homem. E o homem nada vê, porque nada quer ver. A mulher sabe perfeitamente que todo o amor, por mais puro e poético que seja, depende mais do físico que do moral, e que sobre o homem causa maior impressão uma cabeça artisticamente penteada, ou um vestido modelando bem as formas, do que a frase revelando sólidas qualidades morais.

»Ora pergunte a uma *coquette* qual das coisas prefere: se passar por mentirosa, se aparecer mal arranjada aos olhos do homem amado. Toda a mulher preferirá a primeira alternativa. Sabem que mentimos, indignamente, falando de sentimentos puros. Sabem que só a sua plástica nos tenta e que mais facilmente lhes perdoaremos um defeito do que um ridículo. A *coquette* adivinha-o instintivamente. Daí vem a moda desses abomináveis vestidos que modelam as formas, daí a razão das mangas curtas, dos corpos decotados, deixando ver os braços, mostrando os ombros e os seios... Toda a mulher casada sabe que, por mais atraente que seja a sua conversação, o homem, ao aproximar-se-lhe, tem apenas em vista o seu corpo e tudo quanto pode realçar-lhe a beleza. E por isso elas procuram principalmente tudo o que possa torná-las mais provocadoras, tudo o que possa perturbar-nos mais os sentidos.

»Não tentemos saber como hábitos destes invadiram a nossa sociedade. Encaremos a vida das diversas classes em todo o seu impudor. Entre a mulher da nossa roda e a mulher pública que diferença existe? Nenhuma. Não concorda? Pois vou provar o que afirmo.

»O senhor julga que a mulher da nossa sociedade tem um fim muito diverso daquele a que visa a mulher perdida. Ilude-se. E senão, vejamos: quando o fim é diferente, essa diferença deve notar-se nos meios empregados para o alcançar. Que diz o senhor? Compare esses desgraçados com as mulheres da mais alta aristocracia. O que vê? As mesmas *toilettes*, as mesmas modas, os mesmos perfumes, a mesma exibição de braços, de espáduas e de seios. A mesma paixão pelas joias, o mesmo gosto pela dança, pela música e pelo canto. Para uma, como para outras, todos os meios

são bons para atraírem os homens. Para falar com franqueza, tanto valem umas como outras e temos tanta razão para desprezar as que encontramos no lupanar como aquelas que vemos nos salões. Ambas têm o mesmo fim: a caça ao homem. Foram esses vestidos que desnudam, esses cabelos frisados, essas mil provocações que me atraíram também a mim!...

VII

— É verdade que não foi difícil apanharem-me no laço. A minha educação fazia com que o amor fosse, para mim, o que a miragem é para o viajante do deserto. A alimentação abundante é um excitante para os ociosos. Os homens do nosso meio são alimentados como os animais reprodutores. Se nos fecham a válvula de segurança, quer dizer, se nos condenam a uma vida tranquila entramos numa excitação e num mal estar horríveis. Através do prisma da nossa vida artificial, esta excitação pode levar-nos a ponto de nos julgarmos apaixonados.

»Na maioria dos casos o amor e o casamento proveem da alimentação. Admira-se? É muito mais para admirar que esta verdade não seja universalmente conhecida. Na primavera passada trabalharam os camponeses na construção de uma linha férrea, não muito longe das minhas propriedades. Conhece a alimentação dos nossos camponeses? Pão, cebola e *krass*². Isto lhes basta para o trabalho dos campos. Quando construíam a linha férrea, era-lhes fornecido meio quilo de carne e *kacha*³. Mas por isso trabalhavam durante dezasseis horas, transportando carretas pesadíssimas. Uma coisa equilibra a outra. E nós, que devoramos um quilo de carne, que saboreamos uma infinidade de pratos excitantes, que bebemos à vontade, em que despendemos as forças? Em excessos sensuais.

»Se abrimos a válvula de segurança, tudo vai bem. Mas se a fechamos, como eu a fechei várias vezes, produz-se a tal excitação doentia que, sob a influência da música, da poesia e dos romances

acaba por apresentar todos os sintomas do amor. Apaixonei-me, como toda a gente. Conheci as emoções deliciosas, os poéticos enternecimentos, os enlevos que lembram êxtases. E afinal, toda esta paixão era obra da mãe e da modista, das refeições suculentas e da falta de movimento. Se não são os passeios em bote, se não são esses vestidos desenhando o busto elegante, nunca eu me teria apaixonado! Nunca teria caído no laço!

VIII

— E note ainda uma coisa. A maneira falsa por que se fazem os casamentos. O que era natural? Isto: a criança fez-se mulher, deve casar. Nada mais simples. Não sendo um camafeu, encontrará pretendentes. Pois bem, aqui começa a burla. Outrora, quando a rapariga atingia a idade regulamentar, os pais faziam-lhe o casamento fora de todo e qualquer sentimentalismo. E, contudo, não a amavam menos! O que então se dava entre nós dá-se, ainda hoje, entre os chineses, os índios e os muçulmanos, e mesmo entre o nosso povo. Mas houve um grupo de gente corrompida que declarou indigna essa maneira de proceder. E tanto bastou para procurarmos outra coisa. Que encontrámos? Hoje, as raparigas são expostas como num bazar onde os homens entram livremente para fazerem a sua escolha. As jovens esperam e pensam, conquanto não ousem dizê-lo: *Dá-me a preferência, meu amor! Olha para mim, deixa as outras. Repara no meu colo... e no resto.* E nós, os homens, passamos, tornamos a passar, examinamo-las e, ao mesmo tempo, falamos nos direitos da mulher e na liberdade que lhes concede (segundo dizem) a instrução moderna!

— Mas, nesse caso, como pensa que deveria proceder? — interroguei. — Quer que sejam as raparigas que façam o pedido de casamento?

— Sei lá! Mas se se trata de igualdade, que a igualdade se torne real. Acharam vergonhosos os intermediários e os medianeiros: o nosso sistema é mil vezes pior. No primeiro caso, os

direitos e as esperanças eram iguais. No segundo, a mulher é uma escrava que nos oferecem e que não tem direito a oferecer-se. E então começa a outra mentira a que dão o nome de *entrada na sociedade* e que é apenas uma caça ao marido. Mas vá lá dizer esta verdade à mãe ou à filha! Era uma ofensa gravíssima. E, contudo, o seu único fim, a sua única preocupação é a caça ao marido. E o mais grave é ver raparigas cândidas e puras desempenharem este papel sem lhe compreenderem o alcance! Se ao menos isto se fizesse francamente. Mas não! É sempre um embuste! «Ah! Que interessante não é o estudo da *Origem das Raças!*», diz a mãe. «O estudo da literatura seduz-me.» «A pintura é o fraco de Lili. Tenciona visitar a Exposição? Gosta de passear de carro? Vai ao teatro? Ao concerto? A minha Luísa adora música!» Oh, os passeios de barco! Os passeios de barco! E todas têm a mesma ideia: «Dá-me a preferência! Escolhe a minha Luísa. Repara bem em mim! Ao menos experimenta!» Oh, hipocrisia! Oh, mentira!

E Pozdnychev acabou de beber o seu chá e arrumou as chávenas.

IX

— O senhor conhece o poder da mulher? — exclamou ele de súbito. — Esse poder que é a causa do sofrimento do homem? Pois acabo de lhe expor a origem.

— Como assim? — exclamei. — Fala no poder da mulher? Mas ela queixa-se de não possuir direitos, de ser a eterna vítima.

— Justamente — acudiu Pozdnychev com vivacidade — é isso mesmo que eu queria dizer. É justamente essa a base destas duas opiniões aparentemente contraditórias: a sua extrema humilhação, o seu imenso poder. Dá-se o mesmo caso com os judeus: o poder da sua fortuna vinga-os do aviltamento em que os mantemos. *Dão-nos licença para exercer o comércio?*, dizem os judeus. *Está entendido. Mas pelo comércio nos tornaremos soberanos.*

»*Insistis em olhar-nos como objeto de prazer sensual?*, diz a mulher. *Seja! Pelos sentidos vos dominaremos!* Não é o facto de lhe negarmos o direito de voto ou o direito de exercer a magistratura que constitui a negação dos direitos da mulher. De resto, pode dar-se a isto o nome de direitos? A desigualdade da condição moral da mulher está no facto de lhe não reconhecermos o direito de se aproximar ou de se afastar do homem, permitindo-lhe escolher a seu gosto, em vez de sujeitar-se a ser escolhida. Acha um pouco forte esta afirmação? Nesse caso, prive o homem deste direito, visto que se recusa a reconhecê-lo à mulher.

»Ora, para igualar as probabilidades, que faz a mulher? Prepara o ataque visando a sensualidade do homem e acaba de

tornar-se senhora absoluta, dominando-o pelos sentidos a ponto de ser realmente ela e não ele quem faz a escolha. Quando a mulher possui a arte de seduzir, abusa dela e exerce sobre o homem um império terrível!

— Em que se funda para afirmar tão extraordinário poder?

— Em quê? Em tudo! Visite as lojas de uma cidade importante. Verá objetos valendo milhões, um trabalho gigantesco, quase incalculável, só para a mulher. E quantos vendem artigos para homem? Dez entre cem! Todo o luxo é para a mulher, que o procura e que o exagera sempre. E as fábricas? Quase só trabalham para a mulher. Milhões de homens! Gerações inteiras de operários sucumbem nesses trabalhos de forçados para satisfazer caprichos da mulher! A mulher é como a rainha poderosa, mantendo na escravidão os nove décimos da humanidade que para ela trabalha. E tudo porque lhe recusamos direitos iguais aos nossos. Vingam-se dominando-nos pelos sentidos, tentando fazer-nos cair nas suas armadilhas. Exerce tal poder sobre nós que o rapaz e mesmo o velho se perturbam na sua presença!

»E ela bem o sabe! Pode facilmente observar-se nos bailes e nas festas. Veja como ela sorri triunfante! Ai daquele que se lhe aproxima: fascinado, perde o uso da razão. Em mim, produziu sempre uma sensação dolorosa ver minha mulher em traje de gala, ver a camponesa de saias engomadas e lenço garrido ou ver uma jovem de vestido decotado. E hoje em dia, esta sensação mais dolorosa se me tornou. Vejo o perigo que o homem corre, dá-me a impressão de qualquer coisa antinatural. Sinto desejos de chamar a polícia, de pedir-lhe que afaste de mim esse perigo, que de meu olhar desvie esse objeto daninho.

»Não julgue que estou brincando! Estou persuadido que há de vir um dia, e talvez não tarde muito, em que todas se admirem do que hoje se dá! E todas perguntem como podiam permitir-se tais provocações que destroem o repouso da sociedade e aniquilam a felicidade do lar. A mulher, excitando-nos os sentidos, é mais perigosa do que o abismo que a nossos pés se depare. Para que proíbem o jogo do azar se consentem que a mulher nos apareça seminua, o que é mil vezes mais imoral? Estranho critério!

X

— E assim caí. Assim fiquei o que se chama enamorado. Não era só *ela* que eu considerava perfeita. Eu próprio me julgava o melhor dos homens. Não há ninguém tão mau que, procurando bem, não encontre alguém ainda pior. E este facto é, para nós, um manancial de prazer e de orgulho. Era este o meu caso. Não casei por dinheiro, como sucedia a muitos dos meus amigos. Eu era rico, ela era pobre! E havia ainda outra coisa que me envaidecia. Muitos dos meus camaradas casados não tinham abandonado as suas ideias de poligamia. Pelo contrário, eu jurara viver sempre como monógamo desde que me casasse. Era um miserável e julgava-me um anjo!

»Pouco tempo estivemos noivos. Não posso recordar essa época sem corar de vergonha. Vergonha e asco! Se o nosso amor fosse platónico, como nós dizíamos, e não sensual, esse amor ideal devia traduzir-se em palavras, em longas palestras. Nada disso. Eramos difícil conversar, um verdadeiro sacrifício. O assunto esgotara-se. Nada tínhamos que nos dizer. Havíamos dito tudo o que havia a dizer sobre a nossa instalação, sobre o nosso futuro. Que fazer? Se fôssemos animais, saberíamos que não nos era preciso falar. Mas assim, ter de sustentar uma palestra e não nos ocorrer uma palavra, que tormento!

»O que nos preocupava não o podíamos dizer. E junto ainda a isto tudo, o péssimo costume de comer gulodices e de assistir aos preparativos do casamento; discorrer sobre o quarto de dormir,

sobre as roupas de noite e as de dia, discutir o leito e todas as pequenas coisas da vida doméstica. Se nós nos casássemos segundo as regras do Domostroi, como dizia o velhote, todas estas coisas nos apareceriam como detalhes que concorreriam para tornar o casamento uma coisa sagrada. Mas para nós, que na maioria não acreditamos nessa coisa sagrada (de resto, que se acredite ou não pouco importa) nem nas promessas que fizemos, para nós, onde entre cem só se encontrará um a quem repugne ser infiel à mulher, para nós que não vamos à igreja senão para cumprir uma certa formalidade, uma condição necessária, para possuímos determinada mulher, para nós todos esses pormenores têm uma significação monstruosa. É um contrato infame. Vende-se uma virgem a um devasso e essa venda efetua-se sob as mais puras e as mais poéticas aparências.

XI

— Assim me casei, como casam todos. Se aqueles que sonham com a lua de mel soubessem as decepções que os esperam! E quantas decepções! Mas todos se julgam forçados a escondê-las, não compreendo bem por que razão. Uma ocasião, em Paris, entrei numa barraca de feira onde se exibia uma foca e uma mulher de barbas. A mulher era um homem, de vestido decotado, a foca era um cão, coberto com a pele do animal em questão e nadando num pequeno tanque. Uma coisa sem graça. Quando saí, o dono da barraca dizia, apontando-me: «Perguntem a este senhor se vale ou não a pena ver estas maravilhas! Senhores, senhores, entrai, entrai!» Não posso explicar o motivo porque me teria sido desagradável desmentir esse homem. Era sobre este facto que ele contava. Sucede o mesmo com os desiludidos da lua de mel: não querem destruir o sonho dos outros.

»Eu também não desiludi ninguém. Mas hoje não vejo razão para calar-me. A lua de mel nada tem de agradável. Pelo contrário. É um mal estar contínuo, uma vergonha, um mau humor insuportável e principalmente um aborrecimento, um espantoso e horrível aborrecimento! Comparo essa situação à do rapaz que se quer habituar ao fumo; tem vômitos, sente náuseas, mas engole a saliva e finge sentir um grande prazer. O cigarro, como o casamento, só mais tarde pode dar prazer, quando o dá. Antes de gozarem, os noivos têm que habituar-se ao vício.

— Ao vício? — exclamei. — Como assim? Trata-se de uma coisa natural. De um instinto.

— Uma coisa natural! Um instinto. Nada que com isso se pareça! Permita-me que lhe diga que cheguei à convicção do contrário. Eu, homem corrupto e debochado, considero-o antinatural. E se fosse menos pervertido, mais me obstinaria nesta convicção. É um ato absolutamente antinatural para toda a virgem, como é para toda a criança. Minha irmã desposou, muito nova ainda, um homem muito mais velho do que ela e que levava em solteiro uma vida de libertino. Lembro-me do nosso espanto quando, na noite do casamento, ela lhe fugiu, pálida e trémula, declarando-nos que nada havia que lhe fizesse dizer o que ele exigia dela. E chama a isto um ato natural? Comer é natural. Comer é um prazer, uma função agradável que se cumpre sem vergonha. Mas o outro ato? Representa apenas vergonha, dor, repugnância. Não. Não. Nada tem de natural. A jovem verdadeiramente pura receia-o sempre. Disto tenho a certeza. Uma jovem pura pode desejar filhos, mas homem, não.

— Mas nesse caso — perguntei, admirado — como se perpetuaria o género humano?

— E tão necessário é perpetuá-lo? — perguntou ele com rudeza.

— Sem dúvida. Porque, não sendo assim, não existiríamos.

— E para que é necessário existir?

— Para quê? Para viver.

— Para viver? Schopenhauer, Hartmann e os budistas pretendem que a verdadeira ventura está no «não ser». E têm carradas de razão quando afirmam que a felicidade do género

humano consiste na sua destruição. Não o dizem tão rudemente: limitam-se a dizer que a humanidade deve destruir-se para expulsar a dor, que o seu fim é a sua própria destruição. É um erro. O fim da humanidade não pode ser o libertar-se do mal pelo próprio aniquilamento, porque o mal é o resultado da atividade e o fim dessa atividade não pode ser o aniquilamento dos efeitos por ela produzidos. O fim do homem, como o da humanidade inteira, é a felicidade e para atingi-la têm uma lei que devem seguir. Essa lei consiste na união dos seres que compõem a humanidade. As paixões impedem essa união, e acima de todas as paixões devemos pôr, como a mais prejudicial e a mais forte, o amor sensual, a voluptuosidade. Quando conseguirmos dominar as paixões e, com elas, o amor sensual, a união existirá e a humanidade, tendo atingido o seu fim, não tem mais razão de existir.

— E até lá?

— A humanidade tem a sua válvula de segurança. O amor sensual é o sintoma do desprezo pela lei. Enquanto esse amor existir, formar-se-ão novas gerações para cumprir a lei. Se a primeira não bastar vêm outras, e após essas ainda outras... até que a lei se cumpra. E quando assim for a humanidade cessará de existir porque é impossível imaginar o género humano vivendo sem perfeita harmonia.

XII

— Estranha teoria! — exclamei.

— Estranha em quê? Todas as religiões predizem um fim à humanidade e, segundo a ciência, esse fim é inevitável. Que admira pois que a filosofia chegasse à mesma conclusão? «Que aquele que possa compreender *isto* o compreenda», disse Cristo. E eu leio no fundo do seu pensamento. Para que o homem possa ter relações sexuais honestas é preciso que se tenha habituado à mais absoluta castidade. Mas o homem sucumbe nessa luta e daí resultará o casamento moral. Mas se o homem, como sucede hoje em dia, se entrega ao amor sensual o casamento não é mais do que um pretexto para novas volúpias e para uma vida perfeitamente imoral.

»Foi assim que ambos soçobrámos, minha mulher e eu, nessa existência de falsa honestidade a que damos o nome de vida de família. Compreende até onde nos pode levar, ouvir ridicularizar e amesquinhar o que o homem tem de melhor: a sua liberdade, o seu celibato. Para a mulher, a situação ideal seria permanecer virgem e pura. Mas a sociedade teme a pureza e por isso a ridiculariza. Quantas raparigas sacrificam a sua virgindade a esse Moloch, que é a opinião pública, e casam com o primeiro que lhes aparece para não ficarem virgens, isto é, para perderem a sua superioridade. Eu não compreendera ainda que estas palavras do Evangelho, «aquele que olhar uma mulher com olhos de cobiça comete adultério», se referem não só à mulher alheia como à nossa própria mulher.

»Não compreendera! E julgava sublimes todos os meus atos durante o período da lua de mel, persuadido de que ser amante de minha mulher era tudo quanto podia haver de mais digno. O senhor deve concordar comigo: a viagem de núpcias, a solidão a que se condenam os recém-casados não são mais do que um estímulo ao deboche. Eu não compreendera ainda o que havia de perverso e de vergonhoso na minha lua de mel, e acreditava na felicidade.

»Baldada esperança! Todos os meus esforços foram inúteis, era presa de inexplicável mal estar, sentia-me envergonhado, aborrecido. Depois veio a tristeza e o sofrimento. No terceiro ou no quarto dia pareceu-me que minha mulher estava triste. Perguntei-lhe o que tinha e beijei-a. Segundo a minha maneira de pensar, ela só podia querer afagos. Afastou-me com um gesto e desatou a chorar. Porquê? Não o sabia explicar. Sentia-se mal disposta, nervosa. O cansaço físico revelara-lhe, talvez, a verdadeira natureza das nossas relações, mas não podia exprimir os seus sentimentos. Como eu continuasse insistindo, disse-me que estava preocupada com a mãe. Não acreditei nela. Pus-me a animá-la sem lhe falar dos pais. Não compreendi que isso era um pretexto para poder entregar-se ao seu desalento.

»Ela mal me ouvia. Censurei-lhe os caprichos e zombei das suas lágrimas. Ela deixou de chorar. Censurou-me asperamente, chamou-me egoísta e cruel. Olhei-a. Não parecia a mesma. A sua fisionomia revelava hostilidade. Que significava essa inexplicável atitude? Que queria isso dizer? Não era a mesma mulher! Tentei sossegá-la, mas esbarrei com tal frieza e com tal amargura que acabei por perder o sangue frio e a nossa palestra degenerou em discussão violenta. A impressão produzida por esse primeiro

dissentimento foi terrível. Era a revelação do abismo que nos separava. A satisfação dos sentidos matara-nos as ilusões. Encontrávamo-nos em face um do outro como realmente éramos: dois egoístas procurando simultaneamente explorar-se, dois entes que reciprocamente se olham como simples instrumentos de prazer.

»Esse dissentimento era a revelação da nossa maneira de ser, surgindo nítida, implacável, num momento de trégua sensual. Mas só mais tarde compreendi isto. Um período de volúpia adormeceu a hostilidade latente. Julguei que não discutiríamos mais. Mas a saciedade voltou. Tornávamo-nos inúteis um ao outro. E uma nova discussão surgiu. Fiquei surpreendido. Julgara a primeira um simples mal entendido e alimentava a esperança de que seria a última. Enganara-me. A discussão nasceu de uma futilidade. Foi uma questão de dinheiro. Eu nunca fui avarento e muito menos para minha mulher. Fiz-lhe uma ligeira observação a que ela deu um sentido muito diferente, julgando que eu queria servir-me do dinheiro para dominá-la. Dados os nossos caracteres, nada havia de mais ridículo e de mais estúpido. Zanguiei-me, acusei-a de falta de tato. Ela replicou... e eis-nos discutindo.

»No seu rosto, no seu olhar, nas suas palavras notei a mesma expressão de ódio que me ferira logo na primeira vez. Discutira muita vez com meu irmão, com os meus amigos, mesmo com meu pai. Nunca lhes vira essa expressão odienta. Mas os caprichos da nossa sensualidade dissimulavam, de novo, esse ódio. E eu consolei-me, acalentando a esperança de que esses dissentimentos fossem pequenos nada que, com a convivência, desapareceriam.

»Mas surgiu terceira, depois quarta discussão. Compreendi que o mal era sem remédio. Habituei-me a essas cenas, perguntando a

mim próprio porque seria eu e não outro, eu, tão cheio de boa fé, que no lar encontrasse tão deplorável existência. Ignorava ainda que o que se dava comigo se dava igualmente com todos, e que todos, como eu, julgavam ser uma exceção, ocultavam aos amigos esse mal, como a si próprios o tentavam dissimular. A minha situação piorou de dia para dia. Decorridas as primeiras semanas, senti no coração a dor das supremas decepções. Compreendi que seria um desgraçado, que o casamento, longe de ser uma felicidade, é um fardo pesadíssimo. Mas não o confessei a ninguém.

»Guardei para mim a minha dor e a minha decepção. Ainda hoje o não confessaria se não fosse o seu desenlace. E hoje admira-me não ter compreendido logo donde vinham as nossas desavenças. Zangávamo-nos sem motivo e sem motivo nos reconciliávamos. Uma palavra, um sorriso, bastavam para nos apaziguar e, às vezes, após as mais amargas e cruéis acusações, algumas lágrimas, um beijo, lançavam-nos nos braços um do outro! Horror! Como não compreendi eu logo toda a ignomínia da nossa situação?

XIII

— Todos nós, homens e mulheres, somos educados no respeito por esse sentimento a que chamamos amor. Desde criança, preparado para amar, passei a minha mocidade praticando o amor e dele só colhi prazer. Para mim, o amor era o sentimento mais elevado, mais nobre e mais digno. Quando chega o verdadeiro amor, o homem abandona-se por completo. Desgraçadamente, esse amor, que em teoria é ideal e etéreo, na realidade é tudo quanto pode haver de sujo e de mesquinho e dele se não pode falar sem vergonha e sem nojo. E a natureza fê-lo propositadamente assim. Por mais vergonhoso e repugnante que nos pareça, não temos outro remédio senão aceitá-lo tal como é. E tentamos então convencer-nos de que essa porcaria, esse horror, constituem uma beleza sublime!

»Chamemos as coisas pelo seu nome! Quais foram as primeiras manifestações do meu amor? O abandonar-me, por completo, aos meus instintos, sem pejo, até com um certo orgulho, sem tratar de saber o que se passava no espírito de minha mulher... Não pensei nos seus sentimentos físicos ou morais. Não compreendi de onde provinha a nossa frieza e contudo era bem fácil de compreender. Era a luta do espírito contra a *besta*, que ameaçava tornar-se senhora absoluta: nada mais. Esse ódio era o ódio que têm um pelo outro os cúmplices de um crime premeditado e executado em comum. Não foi um crime continuar as nossas repugnantes relações depois de ela ter ficado grávida?

»Julga que me afasto do assunto? Engana-se. Tudo isto é preciso para explicar como cheguei ao assassinio de minha mulher. Os imbecis! Julgam que a matei com uma navalha, no dia 5 de outubro! Matei-a muito antes disso, como todos, sim, como todos matam hoje as mulheres. Ora veja o senhor, é crença geral que a mulher é um manancial de prazer para o homem, e vice-versa, sem dúvida, mas isso não posso eu afirmar. Falo só por mim. *O vinho, as mulheres e as canções*, dizem os poetas. *O vinho, as mulheres e as canções*. Será verdade? Estudemos os poetas de todas as épocas, a pintura, a escultura: as Frinés, as Vénus, toda a nudez. Por toda a parte, em todas as épocas, a mulher nos aparece como um objeto de prazer: na Trouba⁴, na Gratchevka⁵, nos bailes da corte. Infernal ardil!

»Primeiro temos os porta-bandeiras da adoração pela mulher, adoram-na e apenas a consideram como objeto de prazer! Depois, nos nossos dias, vem o respeito pela mulher, cedemos-lhe o nosso lugar, apanhamos o lenço ou a carteira que ela deixe cair. Alguns chegam a conceder-lhe o direito de votar... No fundo a opinião permanece a mesma: a mulher é instrumento de prazer e ela bem o sabe! Sucede à mulher o que sucede ao escravo. O que é a escravidão? É exploração do trabalho de uns para regalo dos outros. Para abolir a escravatura é preciso acabar com essa exploração, estigmatizando-a como um pecado e uma vergonha. Julgaram aboli-la, impedindo a venda de escravos, e contudo ela continua subsistindo. Porquê? Porque a exploração se nos afigura uma coisa perfeitamente justa e razoável. E desde que esta opinião é aceite, fácil é encontrar homens mais fortes e mais manhosos que não hesitem em explorar os outros.

»Dá-se o mesmo caso na emancipação da mulher. A sua escravidão consiste no facto de o homem a considerar como elemento de prazer. Emancipa-se a mulher. Dão-se-lhe direitos iguais aos do homem, mas não se deixa por isso de a olhar como manancial de gozo e de volúpia. E neste sentido a educam. E a mulher continua assim na mesma humilhante situação. O homem fica sempre o senhor devasso e pouco escrupuloso. Para que terminasse esta vergonha era necessário que a opinião pública estigmatizasse aqueles que só veem na mulher uma fonte de prazer sensual. Não são os colégios nem o governo que podem dar à mulher a sua verdadeira emancipação. A família, e não o lupanar, é que nos inspira o horror da prostituição. A mulher é para nós um manancial de gozos, e se a mulher se compenetrasse, como nós, desta triste verdade passaria a ser um monstro, porque com o auxílio do médico inutilizar-se-ia para a maternidade.

— E porquê?

— Mas — prosseguiu Pozdnychev, sem ouvir a minha pergunta — ninguém quer ver isto! Os médicos sabem tudo e calam-se em vez de prevenir-nos, como era de seu dever. O homem quer gozar sem ter de preocupar-se com os filhos. O nascimento destes vem interromper o gozo, e o homem, que só na volúpia se encontra feliz, procura por todos os meios evitar esse transtorno. Neste ponto estamos muito mais atrasados do que a Europa; não conhecemos o sistema «dos dois filhos» usado em Paris. Entre nós, a mulher deve ser mãe e esposa, quer dizer, ama e amante ao mesmo tempo. É brutal. E por isso temos as histéricas, as nevróticas e no campo as possessas. E note que não se trata de raparigas, mas de mulheres casadas.

»A decadência intelectual da mulher e o seu aviltamento moral provêm daqui. Se pensássemos em quanto é sublime o estado da mulher grávida ou daquela que amamenta o filho! No seu seio se desenvolve o ente que mais tarde continuará a nossa obra, no qual se prolonga a nossa existência e que na vida nos substituirá! E para quê perturbamos a santidade da nossa obra? Para quê? Para não nos privarmos de uns momentos de prazer sensual! Horroriza e enoja pensar em tal! E venham cá falar-me na liberdade da mulher e nos seus direitos! É como se os antropófagos dissessem que, tratando da engorda dos seus prisioneiros, têm unicamente em vista zelar pelos direitos e liberdade destes!

Esta teoria, que pela primeira vez ouvia, interessou-me vivamente.

— Mas nessas condições — disse — o homem só poderia ser marido de sua mulher de dois em dois anos! E o homem...

— Não pode sujeitar-se a tanto, não é assim? Assim diz a ciência e assim o crê o senhor. Muito gostava eu de ver um desses que se dizem profetas desempenhar o papel dessas mulheres que eles julgam indispensáveis ao homem. Que diriam eles? Se o senhor disser ao homem que o tabaco, o vinho e o ópio são coisas perfeitamente indispensáveis ao seu organismo, o homem acreditará em si. E que prova isso? Que Deus não compreendeu o que devia compreender e que, por não haver consultado os nossos profetas, fez o mundo mal feito? Ora confesse que, realmente, Deus praticou um grande erro... Como resolver o problema?

»Dirijamo-nos aos profetas. Eles nos darão o remédio. Quando lhe lançaremos nós em rosto as suas infâmias e as suas mentiras? É mais que tempo! O homem enlouquece ou suicida-se... e sempre

por este mesmo motivo! Os animais parecem compreender aquilo que nós teimamos em não querer ver: que a descendência é a garantia da nossa espécie. O homem, o rei da natureza, tem um único fim, um único pensamento: gozar! Para ele, o amor é a obra-prima da natureza. E, em nome desse amor, quero dizer, dessa infâmia, mata a outra metade do género humano. E da mulher, que devia servir-lhe de auxílio para atingir o ideal da felicidade, que fez ele? A causa da destruição do género humano em nome da voluptuosidade! Para todos os lados para que se volte a humanidade esbarra sempre no mesmo obstáculo: a mulher. Porquê? Por esta única razão: porque dela queremos fazer apenas um objeto de gozo!

XIV

— O homem é muito pior do que o animal quando não vive como homem. Foi o que se deu comigo. Como resistia à tentação que, sobre mim, podiam exercer outras mulheres, julgava-me um homem honesto e digno. E acusava minha mulher de fazer do nosso lar uma sucursal do inferno. E contudo a culpa não era dela, mas da educação que havia recebido. Educação igual devem receber todas as raparigas da nossa sociedade. Há muito quem se queixe da forma por que a mulher é educada. Há muito quem deseje dar-lhe outra orientação. Pura retórica! Para educar a mulher é necessário, primeiro do que tudo, fazer compreender ao homem a verdadeira missão da mulher. Enquanto o homem a destinar para seu regalo e prazer, a educação da mulher será o reflexo dessas ideias. Desde criança lhe ensinarão a fazer valer os seus encantos. Este pensamento tornar-se-á preocupação, mais do que isso, acabará por ser o único fim da sua existência.

»Nobres ou plebeias, todas tendem para o mesmo fim: atrair o homem. Umas conseguem-no pelos seus dotes. De que vale abri-lhes largos e novos horizontes? Para quê tentar emancipá-la? Enquanto a mulher aspirar ao casamento, enquanto a mulher não conseguir vencer os sentidos e conservar, como inestimável tesouro, a sua virgindade, enquanto a mulher consentir em permanecer fonte de gozo sensual, a mulher permanecerá escrava. Assim foi e assim há de ser. E senão, ouça: qual é a preocupação da mulher desde que atinge a adolescência? Vestidos, enfeites, tratar da sua beleza,

estudar música, dança, ler romances, ir ao teatro. Fora destas, não tem outras ocupações: não trabalha e alimenta-se bem.

»Certamente, as raparigas hão de sentir, como nós, a excitação dos sentidos. Quantas não sofrem verdadeiras torturas na época da puberdade, e que tormentos não passam as que não casam antes dos vinte anos! Nós bem sabemos isto, mas fingimos ignorá-lo. Por isso o homem, para elas, representa o fim das suas amarguras, e por isso elas se julgam no direito de tudo fazerem para o atraírem. Em presença do homem, a vivacidade feminina torna-se mais brilhante. Apenas o homem se afasta, desaparece o brilho do olhar e a graça da frase. E olhe que isto não se dá perante um certo e determinado homem, mas sim na presença de um qualquer, contanto que não seja um aborto. Dirá que estou falando numa exceção. Não senhor.

»Esta é a regra geral, mais acentuada umas do que nas outras, mas nenhuma mulher tem vida própria, independente do homem. Quando o homem lhes falta, todas são a mesma coisa; nem pode ser de outra maneira, pois que todas possuem o mesmo ideal: atrair os homens, quantos mais melhor. Todas as suas aspirações se resumem nesta vaidade de fêmeas: atrair muitos homens para depois poderem escolher mais a seu gosto. E neste ponto, solteiras ou casadas, todas desejam o mesmo. As solteiras para fazerem a escolha, as casadas para melhor dominarem os maridos. Só pode haver uma trégua: o nascimento dos filhos; mas para isso é necessário que a mulher seja robusta e possa amamentá-los.

»E aqui, surge a figura sinistra do médico. Minha mulher, que amamentou cinco filhos, caiu doente quando foi do primeiro parto. Os médicos despiram-na cinicamente, apalparam-na toda e por isto

tive de agradecer-lhes e pagar-lhes uma boa maquia! E declararam que ela não podia criar o filho. Privaram-na, assim, da única diversão que podia ter a sua *coquetterie*. Tomámos ama. Quer dizer: explorámos a pobreza, a necessidade, a ignorância de uma mulher roubando-a ao próprio filho em proveito do nosso e enfeitámo-la com um *kokoschnit*⁶ guarnecido de galões prateados. Mas adiante. O que eu quero dizer é que esta liberdade momentânea despertou em minha mulher a *coquetterie* que adormecera durante os meses da gravidez. *Essa coquetterie* cada vez maior despertou em mim um terrível ciúme. Meu Deus, quanto sofrimento! De resto, todo o marido fiel sente, como eu, o mesmo atroz e cruel ciúme.

XV

— O ciúme! Um dos segredos da vida conjugal, que todos conhecem e que todos escondem! A par do ódio mútuo dos cônjuges, o ódio proveniente do aviltamento em comum, o ciúme mútuo é uma das causas das cenas tão frequentes no lar. Mas todos o ocultam, porque todos veem nessa tortura uma desgraça pessoal e não um mal a todos comum. Foi o que me aconteceu. O ciúme é fatal entre cônjuges que vivem imoralmente. Quando não podem sacrificar o seu prazer em benefício do seu próprio filho, como poderão sacrificá-lo, já não digo à felicidade e à paz do lar, porque em suma pode pecar-se em segredo, mas à tranquilidade da sua consciência?

»Ambos sabem que nem um, nem outro conhecem obstáculos morais para uma infidelidade. E sabem-no porque eles próprios violam diariamente, com as suas relações, os princípios da moral. Daí provem a sua mútua desconfiança, o seu recíproco ciúme. Que horrível sentimento é o ciúme! Não me refiro ao ciúme motivado. Esse tem razão de ser, tortura, mas pode ter uma solução. Refiro-me a esse ciúme inconsciente, acólito fatal de todo o casamento desonesto e que não tem fim, porque não tem causa. Esse ciúme é qual o cancro, que nos devora dia e noite, noite e dia, sem descanso! É horrível! É espantoso! É torturante! Quer um exemplo?

»Um rapaz aproxima-se de minha mulher, fala-lhe, sorridente. Ia jurar que lhe admira a plástica. Quem lhe deu a ousadia de pensar em minha mulher, de acariciar o sonho de poder agradar-lhe?

E como é que ela, vendo isto, tolera semelhante coisa? Não só a tolera, mas até me parece ufanar-se com isso. E noto mesmo que ela parece só a ele ver. No meu coração desperta um ódio tão feroz que todas as suas palavras, todos os seus gestos me revoltam. Ela acaba por aperceber-se do meu estado. Disfarça. Simula indiferença. Sofro horrivelmente. E ela ri, alegre, feliz. O meu ódio aumenta e, contudo, devo dominar-me porque não tenho motivo para mostrar-me ciumento e porque sei perfeitamente que o meu ciúme não tem razão de ser!

»Sento-me ao lado dela. Simulo indiferença, sou todo amabilidades para o rapaz. Depois, cada vez mais descontente comigo mesmo, penso em sair, deixá-los sós. Saio. E logo me assalta um terrível pensamento: *Que se passará na minha ausência?* Entro sob qualquer pretexto, e se não entro, escuto, espiono! Como pode ela aviltar-se e consentir no meu aviltamento? Forçar-me à humilhante situação de espia, tão trivial, tão idiota, mesmo! E ele? Ele! É como todos os homens. Como eu era em solteiro. Sorri, olha-me, e parece dizer-me: *Que queres? Toca-me a vez, agora!* Horrível sentimento!

»Não menos horrível do que o veneno que se injeta nas veias. Oh! como desejaria ter motivos para suspeitar de um homem e poder lançar-lhe esse veneno! Ficaria para sempre marcado, como se fosse vitriolo que ao rosto lhe arremessasse. O homem que uma vez me despertasse ciúme passava a ser-me antipático, não mais podia encará-lo serenamente. Tanta vez arrojé à face de minha mulher o vitriolo do ciúme que, a meus olhos, ficou para sempre desfigurada. Nessa época de inconsciente rancor, desprestiguei-a, cobrindo-a imaginariamente de vergonha e de ignomínia. Julgava-a

capaz das ações menos naturais. Cheguei a pensar (não posso lembrá-lo sem me sentir envergonhado!) que ela podia bem, qual sultana das *Mil e uma noites*, ter-me traído com o criado!

»A cada nova crise de ciúme sempre sem motivo, o meu génio tornava-se mais sombrio, mais suspeitoso. Ela era igualmente ciumenta, mas ela tinha bem mais motivo para o ser, pois que sabia qual tinha sido o meu passado! O seu ciúme era uma outra causa de sofrimento para mim. De um momento para o outro, no meio da mais serena palestra, exaltava-se sem razão. E eu, julgando que o assunto lhe desagradava, falava de outra coisa. O resultado era o mesmo. Eu lembrava-me então que tudo devia ser motivado pelo facto de me ter visto conversar com a primita (com a qual me não importava para nada!) ou outra coisa semelhante. Mas fingia não perceber, para não dar ocasião a que as suas desconfianças tomassem maior vulto. «O que tens?», perguntava. «Nada. O mesmo dos outros dias!», respondia ela. E contudo o seu mau humor era evidente. Às vezes revestia-me de paciência. Outras vezes respondia-lhe desabridamente e então rebentava a tempestade.

»Dizíamos as últimas um ao outro. Ela acabava por chorar e fugir, indo esconder-se nos sítios mais extraordinários. Eu, envergonhado, procurava-a na presença das criadas e das crianças! Mas não tinha outro remédio, sabia-a capaz de tudo nessas ocasiões. Procurávamo-la, encontrávamo-la e que terríveis noites se seguiam! Só depois de esgotado o repertório das mais amargas censuras conseguíamos readquirir a nossa tranquilidade. O ciúme, o ciúme sem motivo, foi uma das grandes calamidades da nossa vida conjugal. Para mim, pelo menos, foi uma constante tortura.

»Houve duas épocas, principalmente, em que essa tortura se tornou exacerbadora. A primeira data do nascimento do meu primeiro filho, quando os médicos proibiram minha mulher de amamentar a criança. Esse ciúme veio principalmente do facto de ver minha mulher renunciar, sem grande relutância, aos seus deveres de mãe. Isso levou-me à conclusão de que não lhe seria mais difícil renunciar aos deveres de esposa. E demais a mais, a sua saúde era esplêndida, tanto que, apesar da proibição dos médicos, ela pôde bem criar os outros cinco filhos.

— Parece-me que não tem grande simpatia pelos médicos — disse eu, notando mais uma vez a alteração do seu rosto sempre que falava em médicos.

— Aqui não se trata de simpatia ou antipatia! Destruíram a minha vida, como têm destruído muitas outras. Eu admito que, como os advogados e tantos outros, eles precisem de ganhar dinheiro. Por mim, dar-lhes-ia de bom grado metade da minha fortuna e estou convencido que aqueles que os conhecem estariam prontos a fazer outro tanto se eles promettessem desinteressar-se da minha vida íntima e não se metessem, a todo o momento, em coisas que não lhes dizem respeito.

»Não consulte a estatística, mas conheço centenas de casos, devem haver milhões deles!, em que os médicos, sob pretexto de ser perigoso o parto, mataram a criança no seio da mãe ou mataram esta, pretendendo operá-la. Ninguém faz caso destes crimes, pois que os julgam necessários ao bem da humanidade, como necessários pareciam outrora os crimes da inquisição. Não calcula a série de crimes cometidos pelos médicos! E ainda estes são os mais inocentes. O seu maior crime é a podridão moral, proveniente desse

materialismo que eles espalham na sociedade com o auxílio da mulher. Se nós seguíssemos os seus conselhos perversos chegaríamos fatalmente, não à harmonia que eles pretendem pregar, mas à mais completa discórdia.

»Segundo eles, deveríamos passar a vida em absoluto repouso e isolamento, a tratar-nos com ácido fénico. É verdade que hoje dizem que isso não dá resultado. E ainda não é tudo. Corrompem a humanidade, muito principalmente as mulheres. Já não podemos dizer: *Arrastas uma vida de torpeza, tenta corrigir-te*. Não. Se a nossa vida é torpe, isso provém de uma doença nervosa ou coisa parecida. Vamos consultar o médico. A troco de qualquer quantia receitam remédios que o farmacêutico avia. Em vez de melhorar, pioramos. Toca a recorrer ao médico e ao farmacêutico! Que descoberta encantadora! Mas voltemos à minha história. Minha mulher amamentou os últimos cinco filhos e isso concorreu para acalmar o meu doloroso ciúme. E contudo essas crianças foram causa de muitos outros desgostos. Mas enfim! Sempre serviram para retardar a catástrofe. Durante oito anos, minha mulher teve cinco filhos e a todos amamentou.

— E onde estão seus filhos? — perguntei eu. — Quero dizer...

— As crianças? — exclamou ele. O seu olhar cintilou.

— Perdão! Fui talvez indiscreto...

— Não. Não. De forma alguma... A família de minha mulher tomou conta das crianças. Eu teria dado toda a minha fortuna para educar os meus filhos, mas... como dizem que sou doido, recusaram-mos. Foi uma infelicidade. Eu tê-los-ia educado, de maneira que não pudessem assemelhar-se aos pais... Depois... talvez fosse melhor assim, porque eu já não sirvo para nada.

XVI

— A família aumentou rapidamente. Com as crianças vieram os médicos. Oh, as crianças! Oh, o amor maternal!... Mais um dos encantos da vida! Para a mulher da nossa roda, os filhos, em vez de serem motivos de orgulho e de alegria, são mais uma inquietação, um suplício, um castigo. Não há mulher que não diga isto. Os filhos representam para ela um tormento. Não pelo trabalho de os dar à luz nem pelo da amamentação, nem por todos esses cuidados de que a criança necessita. A mulher, e a minha era assim!, tem geralmente o instinto maternal bastante desenvolvido, o que a torna apta para todos esses trabalhos. A mulher teme o filho porque receia vê-lo adoecer e morrer. Não é por falta de amor à criança que ela não deseja ter filhos, mas sim porque receia a todo o momento perder o filho bem amado. Por isso dizem: *Não desejo amamentar a criança. Se ela morrer, maior será a minha dor.*

»Parece-me que prefeririam filhos de borracha que não pudessem adoecer nem morrer e que fossem suscetíveis de concerto. Pobres mulheres! Que confusão reina naqueles cérebros e naqueles corações! Evitam os filhos, porquê? Porque temem amá-los demasiadamente. O amor, ideal da alma, é considerado um perigo! E porquê? Porque o homem é mil vezes pior do que o animal quando não vive como homem. A mulher encara a criança como um objeto de prazer. Ao princípio custa, mas depois: *Oh, que mãozinhas! Que pezinhos! Que sorriso! Lindo corpinho! Encantador chilrear! Que encanto!* Numa palavra, um amor maternal, perfeitamente bestial,

feito unicamente de sensualidade. Não se pensa no que é esse ente, destinado a substituir-nos. Não se dá valor algum à cerimónia do batismo e, contudo, essa cerimónia é como que o aviso da importância que o recém-nascido tem na humanidade.

»Mas de nada disto se faz caso. Só se pensa em fitas, rendas, pezinhos e mãozinhas, em suma, só se trata do que é inerente ao animal. A única diferença está em que o animal não possui inteligência, nem raciocínio, nem senso, nem médicos. Sim, senhor, nem médicos. O vitelo morre, o pinto expira, a vaca muge, a galinha cacareja e ambas continuam vivendo.

»O que sucede quando nos cai doente um filho? Depressa, acudam, socorro! Que médico havemos de chamar? Onde o encontraremos? E se a criança morre? Adeus, pezinhos! Adeus, mãozinhas! Para quê prever toda esta agonia? A vaca não leva a tal excesso o seu amor de mãe. Por isso os filhos, para nós, constituem um verdadeiro tormento. A vaca não raciocina, não medita nos meios que podia ter empregado para salvar a sua cria. Por isso, o desgosto que sofre é perfeitamente físico. Não é uma dor moral. Não pode saber porque sofre nem dizer a razão do seu amor ao filho que devia perder tão cedo. Não sabe que pode evitar, para o futuro, ter outra cria e que se acontecer tê-la, mau grado as precauções tomadas, é escusado criá-la, é conveniente não se lhe afeiçoar, pois que essa afeição pode conduzir à dor. É o raciocínio que fazem todas as nossas mulheres, e o homem é o pior dos animais se não vive como homem.

— Na sua opinião, como devem tratar-se humanamente as crianças?

— Como? Amando-as como homem.

— Então as mães não amam os filhos?

— Amam, mas não os amam humanamente, ou raras vezes os amam assim. Nem mesmo os amam como a cadela ama os cãezitos. Note que, para a mulher, a galinha, a pata e a loba serão sempre um inimitável modelo de amor materno. Rara é a mulher que se lance sobre um elefante para salvar o seu filho. Pelo contrário, a galinha e o pardal precipitam-se ousadamente contra o cão, sacrificando-se pela sua ninhada. É um caso extraordinário contar um facto destes passado com uma mulher. E note ainda uma coisa: a mulher pode abster-se de amar fisicamente o filho e o animal não pode. Significa isto que a mulher seja inferior ao animal? Não. É justamente porque lhe é superior. (Superior não é bem o termo, é um ente de uma outra natureza.) A mulher tem outros deveres a cumprir, deveres humanos, pode abster-se do amor físico para concentrar todo o afeto na alma dessa criança. Esta é a missão da mãe. Mas é isto que se não encontra na nossa sociedade.

»Os contos que nos falam de mulheres heroicas que, por um ideal, sacrificaram os filhos são considerados velharias que nos podem impressionar. Para mim, a mãe que não possui um ideal ao qual sacrificará o próprio filho e que passa a existência lutando contra as doenças com o auxílio do médico, essa mãe trabalha por fazer-se cada vez mais infeliz e arrastará uma vida de contínuas torturas. Foi o que se deu com minha mulher. Pouco lhe importava ter um ou cinco filhos. Até foi melhor que tivesse tido cinco. Toda a nossa vida era perturbada pelo terror de qualquer desastre que pudesse acontecer às crianças, pelo receio de uma doença real ou imaginária. Enquanto durou a minha vida conjugal compreendi que

toda a minha felicidade, todos os meus interesses dependiam exclusivamente da saúde, do bem estar, do apetite das crianças.

»As crianças ocupavam o lugar principal. Muito bem. Contudo, todos nós precisamos viver. Hoje em dia, os pais não têm vida própria. Acabou-se a vida de família, a vida conjugal. Por maior importância que tenha o negócio que temos entre mãos, por mais que nos interesse a sua conclusão, se nos dizem que Vassia tem uma enterite ou que Luísa se queixa da garganta, logo deixamos tudo, tudo esquecemos para pensarmos unicamente no médico, na farmácia e na temperatura do doente. Não há maneira de conversar um momento com a nossa mulher sem que a conversa seja interrompida, no ponto mais importante, por Pedro, que vem perguntar se pode comer uma laranja ou que vestido há de pôr, sem que a ama entre com o petiz a chorar. A vida íntima acabou.

»Todas as nossas ações, toda a nossa vida dependem da saúde das crianças. E a saúde das crianças de ninguém depende e, assim, toda a nossa existência pode ser aniquilada pelos médicos, que se arvoram em dispensadores de saúde. Isto não é vida! Vive-se em contínuo sobressalto: atrás de um desastre vem outro. Desviamos de um perigo, defrontamo-nos com outro. Redobramos de cuidado: estamos nas condições do navio que soçobra.

»Cheguei, por vezes, a pensar que os cuidados de minha mulher pelos filhos eram fingidos para lhe darem uma certa superioridade, sobre mim. Parecia-me então que todas as suas palavras, todos os seus atos representavam um acinte para mim. Mas iludia-me. Todos os seus cuidados, todos os seus tormentos provinham do estado sanitário dos filhos. Para ela, como para mim, os filhos foram um martírio. Apesar disso, as crianças eram para ela

um manancial de enlevos e de distração. Eram-lhe muita vez alívio para os seus desgostos e cuidados. Se lhe contavam que a senhora X... tinha visto morrer dois filhos, um após outro, que um médico qualquer salvara a filha da senhora N..., toda ela vibrava dolorosamente. E como não havia de ser assim? As nossas mulheres não têm, como as mulheres de outrora, esta fé ardente, esta doce crença: *Deus mo deu, Deus mo levou*. Não creem que a alma da criança regressa ao seio de Deus, que a morte faz dela uma privilegiada, porque morre inocente sem ter conhecido o pecado.

»Se elas tivessem esta crença, suportariam mais resignadamente a doença dos filhos. Mas não têm o mínimo vislumbre de crença. A fé morreu para não mais voltar. Mas como a humanidade precisa ter fé, a mulher passou a crer cegamente na medicina, e não é bem na medicina, é nos médicos. Uma acredita no Dr. A..., outra no Dr. B..., e como todas as fanáticas, não veem o absurdo da sua fé. Se não fossem tão cegas, veriam a loucura e a vaidade das receitas desses assassinos. A escarlatina é uma doença contagiosa. Num caso destes, metade da família vai para o hotel. Foi o que nos sucedeu por duas vezes.

»Numa cidade importante, todo o individuo é o centro de um grande círculo que numerosos diâmetros atravessam. Esses diâmetros não são mais do que os fios de toda a sorte de contágio, contra os quais não há isolamento possível: o padeiro, o alfaiate, o cocheiro, a lavadeira, são outros tantos veículos de micróbios. Posso provar, a todo o que foge de sua casa para evitar o contágio de qualquer doença, que na casa onde se refugiou pode esperá-lo o gérmen de outra doença igualmente perigosa e, até, o da doença que o fez desertar de casa. Não se tem visto nas casas ricas, depois

de desinfetados e pintados de novo os aposentos onde esteve um doente atacado de difteria, aparecer nova manifestação do mesmo mal? Há centenaes de pessoas que lidam com os doentes e não sofrem o contágio. Esta é que é a verdade.

»Agora, quer ver uma coisa? Apresente às nossas mulheres um médico da aldeia: não lhes inspira a menor confiança. Chame um médico que tenha carruagem e viva em qualquer das nossas grandes cidades; estudou pelos mesmos livros, andou na mesma escola, pedir-lhes-á cem rublos por cada visita e merecer-lhes-á toda a confiança. As nossas mulheres não sabem o que querem. Perderam a fé em Deus para a darem a um feiticeiro, a uma bruxa, ao Dr. N... porque veste bem e leva um dinheirão por cada receita. Se elas fossem crentes saberiam que a escarlatina e qualquer outra doença do mesmo género nada têm de terrível, pois não podem atingir a alma, única coisa que o homem deve amar. Saberiam que tudo o que nos sucede são coisas inevitáveis, a doença e a morte.

»Da falta de fé em Deus provem este amor físico que as leva a despender toda a sua energia para conseguirem esta utopia: prolongar a vida! Utopia cuja realização os médicos prometem aos idiotas e às mulheres. E por isso, ao menor abalo, recorre-se ao médico. Os filhos não serviram de traço de união entre mim e minha mulher. Pelo contrário, acentuaram a nossa desunião. Eram um pretexto para discussões, cada um de nós tinha o seu favorito. O meu era Vassia. Ela preferia Luísa. Quando eles cresceram, considerávamo-los como aliados. A sua educação era terrivelmente prejudicada com isso, mas na vida infernal que levávamos mal podíamos pensar na educação dessas pobres crianças. O rapaz era o

meu aliado. A pequena, favorita de minha mulher e muito parecida com ela, era-me quase antipática.

XVII

— Depois de vivermos algum tempo no campo, fixámos residência na cidade. Sem a catástrofe que se deu, eu teria envelhecido e morrido na ilusão da felicidade ou, pelo menos, na persuasão de que não era mais infeliz do que os outros. Não teria tido a intuição do ambiente de vileza e de falsidade em que vivera. Mal teria compreendido que as coisas não caminhavam como deviam. O que me custou sempre foi o facto de ser minha mulher e não eu quem governasse e quem mandasse. Os filhos é que me roubaram a autoridade, que não mais pude readquirir. Ela era a mãe, por conseguinte a senhora. Nesse tempo eu não lhe reconhecia esse direito que hoje julgo perfeitamente natural, pois que ela era, quando casou, mil vezes superior a mim porque era pura.

»É uma coisa notável: as nossas mulheres são, em geral, teimosas, perversas, egoístas, tagarelas, e as raparigas até à idade de vinte anos são tudo quanto há de mais puro e de mais nobre. Qual é a razão desta diferença? É evidentemente a baixeza dos homens. Tanto desceram que maculam quanto se lhe aproxime. Rapazes e raparigas vêm ao mundo com iguais aptidões, mas o valor moral das raparigas é muito superior. Primeiro: não correm os mesmos riscos, nem têm os vícios dos rapazes, não fumam, não bebem, não jogam, não frequentam as escolas, nem os clubes, nem as repartições. Segundo: são corporalmente puras e isto é importantíssimo. Como raparigas, são superiores a nós.

»Na nossa sociedade, em que o homem não precisa trabalhar para viver, a mulher conserva-se superior a nós pela sublimidade da sua missão. Quando mãe, a mulher compreende perfeitamente que o homem nunca poderá igualar-lhe a grandeza. Ri dos seus deveres de senador ou de magistrado, tendo por único fim ganhar dinheiro. Por isso a mulher nos é superior e por isso nos governa. Mas o homem não quer ver esta verdade. Pelo contrário, do alto da sua importância olha a mulher com desdém. Minha mulher não ligava a menor consideração aos meus trabalhos no Zemstvo⁷; era mãe de vários filhos que com o seu leite criara. Eu, empoleirado nos meus preconceitos, olhava com desdém tudo quanto se referisse a cueiros, touquinhas, mantéus e companhia, como eu costumava chamar, gracejando, a todo esse labor feminino. Não lhes reconhecia importância e classificava-os ironicamente de *negócios de mulher!*

»Este mútuo desprezo contribuía para o nosso afastamento. As nossas relações tornaram-se mais tensas. Os nossos desaguizados não eram, já, origem de rancor, eram, sim, a sua consequência. Fosse qual fosse a opinião dela, eu era sempre de opinião contrária. Ela procedia da mesma forma.

»Decorridos os primeiros quatro anos depois do nosso casamento, estávamos completamente divorciados em tudo quanto fosse conformidade de pensar. Nunca estávamos de acordo, cada qual se obstinava na sua opinião, sem mesmo tentar convencer o outro. Perante os estranhos conversávamos sobre tudo, abordávamos as coisas mais íntimas: a sós, nunca. Quando a ouvia falar com outros, pensava: *Muito mente esta mulher!* E surpreendia-me que lhe não notassem a falsidade. Quando a sós, limitávamo-nos às banalidades que os animais poderiam trocar entre si: *Que horas*

são? São horas de deitar. Que se janta hoje? Onde vamos passar a noite? Que dizem, de novo, os jornais? É preciso mandar chamar o médico, Luísa tem a garganta inflamada.

»Logo que nos afastávamos disto, era questão certa. Só a presença de um terceiro nos tornava sociáveis. É provável que ela julgasse que a razão estava do seu lado. Quanto a mim, Deus me perdoe!, considerava-me um santo ao comparar-me a ela. Os períodos dessa coisa a que chamávamos amor eram tão frequentes como dantes, mas eram mais brutais, sem requinte, sem carinho. Duravam pouco e, sem transição, recaíamos nas discussões violentas sem motivo justificado. Detestávamo-nos a propósito de tudo: a mim bastava-me vê-la servir o chá, bater com o pé, temperar o café, prová-lo antes de bebê-lo para que a detestasse do mais íntimo da alma, como se a visse praticar as ações mais condenáveis.

»Eu não notara ainda a correlação que existia entre os períodos de ódio e os períodos de amor. A um seguia-se o outro. Um período de amor mais demorado trazia um maior período de ódio. Após um amor de pouca duração, o ódio apagava-se mais depressa. Não compreendia que esse amor, esse ódio, tinham origem no mesmo sentimento do qual eram como que os dois polos. Se compreendêssemos bem a nossa situação, que vida horrível! Mas estávamos cegos! É, precisamente, nesse poder de iludir-se a si próprio que consiste o castigo e também a felicidade do homem. Ela procurava esquecer, entregando-se a numerosas ocupações: governo de casa, cuidados com a sua pessoa, vestir e ensinar os filhos e, principalmente, tratar da saúde das crianças.

»Nada disto correspondia a uma necessidade direta e, contudo, parecia que a vida dela e a das crianças estava dependente da

maneira porque folhavam os pastéis, da mudança de umas cortinas, do acabamento de um vestido, de saber ou não uma lição, dos remédios tomados à hora. Esta febre significava o seu desejo de esquecer, o mesmo sucedia comigo, procurando no Zemstvo, na caça, no jogo, uma distração que por algum tempo me fizesse olvidar. Eu estava de melhor partido: fumava extraordinariamente e o excesso do ópio, com um ou outro cálice de bebida, mergulhavam-me numa espécie de embriaguez que não me deixava ver o horror da minha situação.

»As novas teorias sobre o hipnotismo, as doenças mentais, o histerismo, não são inofensivas, são, pelo contrário, prejudiciais e perigosas. Estou convencido de que o Dr. Charcot teria classificado minha mulher de histérica e a mim de anormal, e havia de querer tratar-nos quando nós nada tínhamos que necessitasse tratamento. O nosso estado mental provinha da imoralidade da nossa vida. Era essa imoralidade que nos fazia sofrer e que nos levava a procurar, nos meios mais inverosímeis, o alívio ao nosso sofrimento. E a isto chamam os médicos *sintomas de histerismo*! A ciência de Charcot e de outros é importante contra essas doenças. Não cedem à sugestão nem ao brometo. É preciso saber a sede do mal como, na ferida, é necessário procurar a esquirola que produz a infeção.

»Bastaria mudar de vida para pôr termo aos nossos padecimentos. Mas para isso precisávamos ter a compreensão da nossa imoralidade, e nenhum de nós a tinha! Éramos como dois grilhetas que se odeiam. Estranhas coincidências da vida irregular com a vida regular! Quando a vida se torna impossível para os pais, tem de pensar-se na educação dos filhos! Para isso resolvemos ir viver para a cidade.

Pozdnychev calou-se. Deu dois ou três suspiros, que mais pareciam soluços, bebeu de um trago o chá, já frio, e continuou.

XVIII

— Fomos pois habitar a cidade. A existência torna-se, ali, muito mais suportável para o infeliz. Podemos atingir os cem anos sem notarmos que estamos mortos e putrefactos de há muito. Não temos tempo para pensar em nós. Há mil coisas que nos distraem: os negócios, as visitas, as doenças, a arte, a saúde das crianças e a sua educação. Recebem-se visitas e fazem-se visitas para a direita e para a esquerda. Vai ouvir-se uma cantora ou ator célebre. Há sempre, em todas as cidades, duas ou três coisas célebres que é preciso conhecer. Temos de interessar-nos pela nossa saúde e também pela dos outros. Há professores a escolher, colégios, mestres... e contudo a vida permanece despida de interesse. Assim vivíamos, sofrendo menos. Nos primeiros tempos tivemos muito que fazer: pôr a casa em ordem, tratar de mil pequenos nada. Foi um benefício para ambos. Assim passou um inverno.

»No inverno seguinte sobreviveu um incidente sem grande importância e que, apesar disso, foi a origem da catástrofe. Minha mulher adoeceu. Os canalhas dos médicos prescreveram e ensinaram-lhe a maneira de evitar nova maternidade. Tive um imenso desgosto. Tentei opor-me, nada consegui. A última coisa que ainda podia justificar a nossa imoralidade foi-nos proibida. A nossa vida tornou-se ainda mais ignóbil. O camponês, o operário têm necessidade dos filhos, conquanto lhes seja difícil criá-los: assim se justificam as suas relações conjugais. Nós, apenas vem o primeiro filho, damo-nos em geral por satisfeitos. Os outros representam

aumento de despesa e de cuidados. Para que insistimos, então, em continuar uma vida impura? Mas se todos assim fazem! E nem a sociedade nem o código nos pedem contas ou nos censuram.

»Assim decorreram dois anos. A receita dos canalhas deu excelente resultado. Minha mulher nutriu, tornou-se muito mais formosa. Ela compreendeu-o e passou a cuidar da sua pessoa com especial carinho. Possuía a beleza provocante que excita e perturba. Esplêndida flor de outono, com todo o encanto da mulher de trinta anos, eu não podia fitá-la sem estremecer, subitamente apreensivo. Era como um cavalo feroso que não conhece jugo. Ela também não consentia tutela. Eu estava aterrado!

XIX

O rosto de Pozdnychev contraiu-se. Apagou-se o brilho do olhar. Todo o rosto pareceu, subitamente, invadido pela barba, onde o nariz desapareceu.

Depois, acendeu um cigarro e recomeçou:

— É verdade. Desde que deixou de ter filhos, minha mulher engordou e a sua doença, os cuidados na saúde dos filhos, desapareceu. Mas a importância deste facto não está na cura dessa doença, mas na quase ressurreição a que deu lugar essa mudança. Parecia ter despertado de um letargo. Encarou a vida por um prisma diferente. O mundo pareceu-lhe cheio de atractivos. *É preciso gozar, o tempo passa e não volta.* Deve ter sido este o seu pensamento. De resto, era natural que assim pensasse. Haviam-lhe ensinado que na vida uma só coisa é digna de interesse: o amor. Casara. Pouco prazer lhe dera o casamento. Trouxera-lhe muitas desilusões e esse martírio dos filhos que a extenuara.

»Um belo dia, os médicos têm a bondade de lhe dizerem que podia muito bem evitar os filhos. Invadiu-a uma grande alegria. E como a experiência surtisse o desejado efeito, passou a viver unicamente para o amor. Mas o amor de um marido ciumento e odiado não podia sorrir-lhe, sonhava com outro afeto mais puro, mais perfeito. Eram estes, segundo eu penso, os seus desejos. Ela olhava em torno de si como quem procura, quem espera alguém. Eu surpreendia esse olhar e sentia-me louco de ansiedade. Quando falava com outros, dizia sempre, como quem desejava fazer-mo

saber, que era uma grande maçada ter filhos e que se devia gozar a vida enquanto se é novo. As crianças prendiam-na, agora, muito menos. Todos os seus cuidados eram para a sua pessoa. Não só cuidava da sua beleza, como se preocupava com o aperfeiçoamento de certas coisas. O piano, que votara ao esquecimento, passou a ser a sua predileta ocupação. Foi a origem da catástrofe. Nessa ocasião surgiu o *homem*...

Pozdnychev interrompeu-se. Respirou fundo. Pensei que devia sofrer ao evocar a lembrança desse homem.

Ele teve um gesto enérgico, como para afastar um obstáculo, e prosseguiu:

— Na minha opinião, esse homem não passava de um valdevinos. Não pelo papel que representou na minha existência, mas porque realmente o era. Daqui concluo que minha mulher foi, até certo ponto, irresponsável. De resto, se não tem sido ele, teria sido outro! Era um artista: tocava violino. Não era músico profissional. Era um fidalgo artista. O pai, vizinho do meu, possuía uma grande fortuna que desbaratara. Os filhos, três rapazes, trataram de ganhar a vida. Este, o mais novo de todos, foi para Paris, chamado pela madrinha. Entrou no Conservatório, onde parece ter-se distinguido. Dali saiu tocando violino e passou a tomar parte em concertos...

No momento em que ia dizer mal desse homem, Pozdnychev hesitou. Fez uma ligeira pausa e, de súbito, continuou com uma certa rudeza:

— Na verdade ignoro qual tenha sido a sua vida. Sei unicamente que regressara à Rússia nesse mesmo ano em que nos foi apresentado. Tinha os olhos rasgados e húmidos, lábios

vermelhos e sorridentes, bigode levantado, cabelo penteado à última moda. Era bonito, mas banal, numa palavra, era o que as mulheres chamam *um lindo rapaz*, delgado e de porte gentil. Correto, tornava-se facilmente familiar, mas batia em retirada ao mais pequeno indício de desagrado. Tinha o que fosse de parisiense, usava bota abotoada, gravata clara e impressionava favoravelmente as mulheres graças à originalidade de todo o seu porte. Apresentava, sempre, uma bela disposição moral. Falava por metáforas.

»Foi este homem, com o seu violino, que deu origem à catástrofe. O júri olhou-me apenas como um ciumento. Não é bem assim. Decidiram que eu havia sido enganado e que a matara para vingar a minha honra ultrajada. É assim que eles dizem, não é verdade? E absolveram-me. Eu quis explicar-lhes qual o verdadeiro motivo que me arrastara ao ciúme. Pensaram que eu desejava reabilitar a honra de minha mulher. As suas relações com o músico, fossem elas quais fossem, não tiveram importância nem para mim, nem para ela. A única coisa importante foi o que lhe contei.

»Todo o drama data da entrada desse homem na nossa vida, no momento em que nos separava esse ódio mútuo de que lhe falei, no próprio instante em que bastava uma gota de água para fazer transbordar o vaso. As nossas discussões, verdadeiras tempestades, tinham como consequência um período de paixão bestial. Se não vem esse homem, outro teria vindo. Se o ciúme não me tem fornecido o pretexto, teria procurado outro. Estou intimamente convencido de que todos os homens que levam a vida de deboche conjugal que eu levava têm fatalmente de se divorciar, se suicidar ou matar a mulher, como eu fiz. Aquele que assim não fizer constitui

uma exceção. Antes da catástrofe pensei muita vez no suicídio. Minha mulher tentou, várias vezes, envenenar-se.

XX

— Para que me possa compreender é necessário que lhe não omita o menor detalhe. Havia ocasiões em que vivíamos tranquilos. Um dia falámos sobre a educação das crianças. Não me lembro as palavras trocadas entre ambos, lembro-me que, de súbito, estalou a tempestade. As censuras sucediam-se. *Sim! É sempre assim, constantemente a mesma história. Tu dizes que eu disse... Não há tal, então queres dizer que minto?* Etc.

»A crise terrível aproxima-se. Penso no suicídio, no crime. Quero conter-me, não posso. Invade-me a cólera. Minha mulher sente o mesmo que eu sinto. As suas palavras parecem veneno. Procura ferir-me em tudo o que mais estimo. A crise aumenta de intensidade. Eu grito: *Cala-te!* Ela precipita-se para fora do quarto, refugia-se perto dos filhos. Quero retê-la, forçá-la a ouvir o que tenho para dizer. Involuntariamente, a minha mão comprime-lhe o pulso. *Meus filhos!*, grita ela. *O pai bate-me.*

»*Não mintas!*, exclamo. Ela insiste, para me enraivecer: *E já não é a primeira vez.* As crianças rodeiam-na. Tentam sossegá-la. *Não sejas hipócrita!*, digo. *Tudo para ti é hipocrisia*, afirma ela. *És capaz de matar e pretender convencer-nos de que a tua vítima se finge morta. Compreendo-te. Vejo o que tu queres.*

»*O que eu queria era matar-te como a um cão!* Lembro-me de quanto esta frase me impressionou. Nunca julgara poder pronunciar tão horríveis palavras. Ainda hoje me admiro!

»Fui para o meu gabinete e pus-me a fumar. Percebi que ela se preparava para sair. *Onde vais tu?*, perguntei. Ela não respondeu. *Pois vai para o diabo que te leve*, pensei eu. E voltei a estender-me no sofá, retomando o meu cigarro. Mil pensamentos se me chocavam no cérebro. Como vingar-me dela? Como libertar-me? Que meio empregar para fugir às consequências? Penso e fumo, fumo sempre, fumo sem interrupção. Se a deixasse? Se fosse viver para a América? Como seria bom ver-me livre dela, possuir outra mulher, jovem, bela, que para mim tivesse novidade! Mas para ver-me livre é preciso que ela morra, ou então divorciar-me...

»Compreendendo que não devia deixar o pensamento seguir este rumo, continuava fumando cigarros sobre cigarros. A lida doméstica continuava. A governanta vem perguntar-me onde foi a senhora e a que horas volta. O criado pergunta se deve servir o chá. Vou para a casa de mesa. As crianças já ali estão. Luísa, a mais velha, lança-me olhares interrogadores.

»Ela não volta. A noite adianta-se. Ela continua ausente. No meu coração chocam-se dois sentimentos contrários: o meu ódio por ela, o rancor por toda esta inquietação que nos causa, e o receio que ela atente contra a existência. Mas onde procurá-la? Em casa da irmã? Parece-me ridículo correr atrás de minha mulher. Que seja o que Deus quiser! Se ela sente prazer em torturar alguém, que se torture a si. Mas se ela não foi para casa da irmã? Se ela pensa em matar-se? Se já se matou? Dão as onze horas. Depois a meia-noite. Uma hora. Não durmo. Não vou para o meu quarto. Parece-me estúpido esperar só. Vou trabalhar, ler, escrever.

»Impossível. Estou só, desesperado, de ouvido à escuta. O tempo passa. Sobre a manhã adormeço. Acordo. Ela ainda não veio.

O trabalho doméstico recomeça. Todos me olham, surpreendidos e interrogadores. As crianças parecem censurar-me. Eu estou inquieto e cheio de rancor. Às onze horas da manhã vem a irmã. É a embaixatriz. *O que há?*, pergunto. *Ela está horrivelmente exaltada*, responde-me a minha cunhada. *Mas não foi coisa de importância!*, alego eu.

»Queixo-me do seu génio impossível. Declaro que me não julgo culpado e que não darei os primeiros passos para a reconciliação. Se ela quer divorciar-se, que se divorcie. A minha cunhada rejeita essa solução e retira-se sem conseguir obter o que desejava. Eu sou teimoso e declarei logo que não dava os primeiros passos. Apenas a minha cunhada saiu, dirigi-me ao quarto das crianças. Estavam perfeitamente consternadas. Ah, como eu estava já decidido a dar o primeiro passo se não fosse a minha palavra empenhada! Ando de um lado para o outro. Fumo. Ao almoço bebo vários cálices de aguardente e consigo chegar a este estado de inconsciência que desejava.

»Às três horas chega ela. Passa por mim sem falar-me. Julgo-a apaziguada e começo dizendo que, se eu me excedi, foi ela a culpada. Responde friamente, de rosto severo, ar fatigado. Não veio ouvir as minhas explicações, mas unicamente para buscar os filhos. Não podemos continuar vivendo juntos. Insisto em que foi ela a culpada. Ela diz então, em tom solene: *Nem mais uma palavra. Podes arrepender-te.*

»Respondi, que a comédia deve ter um termo e que basta de fantochadas. Responde uma frase que não compreendo e corre para o quarto. Ouço-a dar a volta à chave. Bato à porta. Não responde. Retiro-me furioso. Meia hora depois, Luísa vem ao meu gabinete

lavada em lágrimas. *O que sucedeu? O que há? Não se ouve ruído no quarto da mãezinha.* Dirigimo-nos ambos para ali. Sacudo violentamente a porta, que cede. Aproximo-me do leito. Ela está ali, numa posição contrafeita, desmaiada. Sobre a mesa algumas gotas de ópio. Fazemo-la voltar a si. Sobrevém uma crise de lágrimas, em seguida a reconciliação.

»Mas essa reconciliação não era sincera. Cada um de nós conserva, no íntimo, um fermento de ódio. Mas era preciso pôr termo à cena. E a nossa vida retomava aparente tranquilidade. Cenas como estas, ou ainda piores, sucediam-se todos os meses, todas as semanas, às vezes até no mesmo dia. E sempre com os mesmos incidentes. Uma ocasião resolvi abandonar tudo. Cheguei a comprar passaporte. À última hora não tive coragem. Eis qual era a nossa existência quando esse homem apareceu. Era um valdevinos. Em suma, valia tanto como nós.

XXI

— Esse homem, chamado Troukhachevsky, procurou-nos assim que chegou a Moscovo. Era de manhã. Em tempos havíamos-nos tratado por tu. Ele tratava-me ora por *tu*, ora por *senhor*, parecendo preferir o primeiro tratamento. Mas não se dava comigo o mesmo, e forçoso lhe foi adotar a senhoria. Desagradou-me logo, compreendi que não passava de um estroina. Ainda o não havia apresentado a minha mulher e já sentia ciúmes. E, caso extraordinário!, em vez de despedi-lo, diligenciei retê-lo. Nada me seria mais fácil do que recebê-lo friamente, desconcertando-o e obrigando-o a afastar-se. Em vez disso falei-lhe de música, censurando-o de ter abandonado o violino, segundo me haviam dito. Respondeu que não era verdade, pois que mais do que nunca era fanático por música. Perguntou se eu ainda tocava violoncelo. Respondi que me deixara disso, mas que minha mulher tocava muito bem piano.

»É uma coisa realmente estranha! Tinha o pressentimento de que esse homem seria o causador de uma grande fatalidade e, apesar disso, fartei-me de ser amável para com ele! Apresentei-o a minha mulher. Ela ficou radiante. Era doída por música, a ponto de pagar a um violinista da orquestra para ir tocar com ela. Mas quando olhou para mim compreendeu o que se passava no meu íntimo e tentou disfarçar a sua alegria. Recomeçou essa troca de palavras mentirosas, cena que se repetia sempre ante estranhos. Eu sorria, mostrava-me encantado. Ele fitava minha mulher, como todos os libertinos fitam uma bonita mulher. Notei que os olhos dela

brilhavam mais, tive a noção de que o meu mal disfarçado ciúme estabelecia entre ambos uma corrente magnética. Os seus olhares, os seus sorrisos eram igualmente expressivos.

»Nesta primeira visita falou-se de música, de Paris, de mil ninharias. Ele levantou-se para despedir-se e olhava-nos, balouçando um pouco o busto, de chapéu na mão, como esperando qualquer coisa. Parece-me vê-lo ainda! Eu podia muito bem despedi-lo sem acrescentar palavra, E teria evitado a catástrofe. Olhei para ele, depois para minha mulher. *Não penses que te vou dar a honra de me mostrar ciumento, minha rica!* E convidei-o para voltar à noite e para trazer o violino a fim de fazer um pouco de música com minha mulher.

»Ela olhou-me surpreendida e corou intensamente, como que apavorada. Tentou recusar-se, dizendo que não sabia bastante para o acompanhar. Esta recusa excitou-me. Insisti. Lembro-me da impressão desagradável que me invadiu quando o reconduzi. Exasperava-me o seu passo miúdo e saltitante, o seu pescoço branco, os seus cabelos compridos a emoldurarem-lhe o rosto. Torturava-me a sua presença. *Eu podia bem evitá-lo, pensava eu, mas hei de mostrar que o temo? Ora adeus! Era o que faltava.* Na saleta, sabendo que minha mulher nos ouvia, insisti novamente com ele para que viesse à noite. Ele prometeu e partiu.

»À noite voltou trazendo o violino e começaram tocando. A princípio não conseguiram acertar. Eu sou doido por música. Juntei os meus esforços aos seus e assim puderam tocar algumas coisas. Ele tocava magistralmente. Não conhecia dificuldades. Quando tocava, o seu rosto tornava-se mais simpático, o seu olhar tinha suaves clarões. Como artista, era muito superior a minha mulher.

Com a maior naturalidade aconselhou-a, elogiando-a com toda a cortesia. Ela, toda entregue à sua paixão pela música, estava encantadora. Eu próprio acabei por interessar-me unicamente pela música conquanto o ciúme continuasse mordendo-me o coração. Via que ele olhava para ela com agrado. Se eu não tivesse, perto das mulheres, os mesmos pensamentos que nele adivinhava, não teria percebido o seu jogo. O que me torturava era pensar que ela me detestava e ver que esse homem devia, fatalmente, agradar-lhe, já pela elegância, já pela distinção das suas maneiras, pelo incontestável talento musical, pela intimidade a que esses duetos dariam ocasião e também pela perturbação que a música produz nos corações impressionáveis. Não só ele devia agradar-lhe, mas devia vencê-la sem dificuldade, fazer dela tudo quanto quisesse. Era isto o que eu pressentia ao ouvi-los tocar.

»E contudo continuava sendo amável e gracioso para com ele, como se me não sentisse abrasado em ciúme. Parece-me que o tratava assim para fugir à tentação de estrangulá-lo. À mesa fui eu próprio a servi-lo, mostrando-me encantado com a sua maestria. Convidei-o a voltar no domingo. Convidaria alguns amigos, amadores de boa música, para virem ouvi-lo. Ele retirou-se, satisfeito.

»Dois ou três dias depois, entrava em casa com um amigo quando, ao passar pela saleta, senti no coração um inexplicável aperto. Sem saber porquê, lembrara-me de Troukhatchevsky. Despedindo-me do meu amigo voltei à saleta. Reparei então no casaco de Troukhatchevsky, pendurado no cabide. Não me enganara. Ele estava ali. Fui ao quarto das crianças. Luísa lia um livro de contos. A criada entretinha o mais novo. Ouvi sons de piano.

Ele falava baixo. Ela recusava: *Não, isso não*. E acrescentava qualquer coisa que eu não percebi. Alguém lhe abafava propositadamente as palavras. Talvez com beijos! Deus meu! Que sofrimento! O meu coração cessou de bater, constrangido, para voltar logo a pulsar desordenadamente. Eu tinha dó de mim. Trair-me assim em minha casa, a dois passos de meus filhos!

»Entrei na sala. Ele estava sentado ao piano. Ela, de pé, procurava qualquer musica. Olhou-me serena e disse: *Ainda bem que vieste. Estamos sem saber o que havemos de tocar no domingo*. A sua serenidade indignou-me. Não respondi e falei-lhe, a ele, com frieza. Ele sorria, levemente zombeteiro. Em seguida explicou que trouxera algumas partituras a fim de as ensaiarem para domingo, mas que não havia maneira de chegarem a um acordo. Qual seria preferível? A sonata de Beethoven, algum trecho clássico, ou coisa mais fácil? E consultava-a, com um olhar.

»Nada mais simples e natural. Não tinha motivos para aborrecer-me. E, no entanto, eu percebia que ambos me mentiam. O maior suplício do ciumento (quem não é ciumento?) consiste nestas convenções mundanas que, sob diversos pretextos, estabelecem uma intimidade perigosa entre um homem e uma mulher, Tentar opor-se à intimidade entre o médico e a doente, ou entre dois diletantes, é tornar-se ridículo. A música é a mais elevada, a mais pura, a mais nobre de todas as artes. Mostrar ciúmes de dois entes que se entregam a esse prazer é atingir o cúmulo do grotesco. Um marido educado não deve ter pensamentos destes, nem intrometer-se entre os dois artistas. E. todavia, quanto adultério tem começado assim.

»O silêncio que se produzira com a minha súbita chegada incomodava-os. Eu estava como essas garrafas que, por demasiado cheias, não deixam correr o líquido. Queria insultá-los, queria expulsá-lo, mas não podia. Muito amável, respondi que confiava plenamente no seu bom gosto e que minha mulher devia fazer o mesmo. Ele demorou-se ainda alguns minutos. O bastante para apagar a má impressão causada pelo meu aparecimento. Depois despediu-se, bem disposto e satisfeito. Acompanhei-o até à porta. Como não ser amável para um homem que nos vem roubar a paz e aniquilar a felicidade! e apertei efusivamente a sua mão branca e macia.

XXII

— Durante o dia não dirigi palavra a minha mulher. Bastava a sua presença para desencadear, no meu peito, um ódio terrível. À mesa, na presença das crianças, ela perguntou quando eu partia. Eu tencionava ir, na semana seguinte, assistir a uma assembleia do Zemstvo. Respondi. Inquiriu do que me seria necessário levar. Não dei resposta e fui encerrar-me no meu gabinete. Ordinariamente, minha mulher não me procurava ali, muito menos à noite. E eis que, de súbito, ouço os seus passos, aproximando-se.

»Um pensamento horrível, ignóbil, me ocorreu: viria ela, como a mulher de Urias, para ocultar o crime já cometido? Viria realmente procurar-me? Os passos aproximavam-se sempre. Mas então tinha eu razão?... Um imenso ódio me invadiu. E os passos aproximavam-se ainda... talvez fosse ao salão? Isso sim! A porta abre-se. A sua figura esbelta, gentil, graciosa aparece. No seu rosto havia uma expressão de timidez, o seu olhar era insinuante, meigo.

»Compreendo! Parecia-me que sufocava! Sem desviar dela o meu olhar, acendi um cigarro.

»— Que quer isso dizer? — perguntou. — Venho procurar-te, para conversarmos e tu acendes um cigarro? — E sentando-se perto de mim, encostou a cabeça ao meu ombro.

»Desviei-me para evitar o contacto.

»— Vejo que não te agrada que eu toque no domingo.

»— Enganas-te — respondi.

»— Então eu não vejo?

»— Pois bem, se vês, felicito-te. O que eu vejo é que te portas como uma mulher perdida.

»— Se vais praguejar como um carroceiro, vou-me embora.

»— Pois vai! Mas ouve bem: se, para ti, a honra não tem valor, para mim, entendes?, é sagrada. Compreende bem isto e vai para o diabo que te leve.

»— Mas o que quer isso dizer? O que sucedeu?

»— Vai-te, pelo amor de Deus, vai-te!

»Ela deixou-se ficar; ou porque não compreendesse, ou porque preferisse simular não compreender. O que é facto é que se melindrara e respondeu, ofendida:

»— Estás insuportável! Nem um anjo te poderia aturar! — E para magoar-me, acrescentou: — É verdade que, depois da maneira como te portaste com tua irmã, nada me devia surpreender.

»Aludia a uma questão que eu tivera com minha irmã, que a magoara brutalmente. Sabia que me era penoso ouvir falar em tal e não me poupava. *Isto vai bem!*, pensava eu. *Ofendem-me, humilham-me, injuriam-me e ainda me tornam responsável por tudo!* Apoderou-se de mim uma raiva indescritível, um furor como eu nunca experimentara. Pela primeira vez senti a necessidade de praticar desatinos. Estremeci. Pensei se devia ou não ceder ao impulso da minha cólera. Sim! Isso devia intimidá-la. Em vez de reagir, entreguei-me ao furor que, no íntimo, me refervia.

»— Vai-te embora ou dou cabo de ti! — gritei, em voz de estentor, agarrando-a pelo pulso.

»Ela não se moveu. Apertei-lhe o pulso com violência e impeli-a contra a porta.

»— Que tens tu, Vassia? — perguntou.

»— Vais ou não vais? — gritei eu. — Queres enlouquecer-me? Não respondo por mim! Deixa-me! Deixa-me!

»Sentia uma espécie de embriaguez em mostrar-me brutal, selvagem. Desejaria maltratá-la, mas sabia que não devia fazê-lo e contive-me. Agarrei num pesa-papéis e atirei-o ao chão, depois fiz o mesmo a um dos candelabros e ao termómetro.

»— Deixa-me! Deixa-me! — gritava eu.

»Ela foi-se embora. Tranquilei-me imediatamente. Pouco depois a ama veio prevenir-me de que a senhora estava com um ataque de nervos. Fui vê-la. Soluçava, ria, tremia violentamente. Não representava. Estava doente. Mandei chamar o médico e passei a noite tratando-a. Pela manhã melhorou. Reconciliámo-nos sob a influência desse sentimento a que chamávamos amor. No dia seguinte confessei que tinha ciúmes de Troukhatchevsky. Ela não se perturbou e desatou a rir, como se eu lhe dissesse o maior dos absurdos.

»— Por acaso, a mulher honesta pode experimentar, perto desse homem, outro sentimento que não seja o de fazer, com ele, um pouco de música? — perguntou ela. — Se tu queres não o tornarei a ver, nem mesmo no domingo. Escreve-lhe dizendo que estou doente e pronto. Só me aborrece uma coisa. É ver-te considerá-lo perigoso. É ferir a minha dignidade.

»Não mentia. Acreditava no que dizia. Esperava poder, assim, convencer-se de que era só desdém que ele lhe inspirava. Mas tudo conspirava contra ela, até mesmo essa maldita música. A nossa questão terminara assim. No domingo chegaram os nossos convidados. Troukhatchevsky e minha mulher tocaram mais uma vez juntos.

XXIII

— Parece-me escusado dizer que, nesse tempo, eu era muito vaidoso. Hoje em dia, quem não possui um pouco de vaidade não tem um fim na vida. Preparei pois com esmero e gosto o jantar e a *soirée* musical do domingo. Fui eu que tratei do *menu* e que fiz os convites. Os nossos convidados chegaram às seis horas. Troukhatchevsky veio de casaca com uma abotoadura em brilhantes de muito mau gosto. Estava bem disposto e conversava com espírito. Procurei encontrar-lhe defeitos e notava-os com prazer. Sentia-me tranquilizar. Decerto não poderia conquistar o coração de minha mulher. Nunca poderia interessá-la. Ela não desceria até ali. Reprimi o ciúme, tentando assim evitar a mim próprio a tortura atroz que esse sentimento me infligia. Mas, mau grado meu, não desviava deles o olhar, procurando sempre surpreender um gesto, um sorriso. O jantar foi, como sempre, aborrecido. Seguiu-se a música.

»Ele foi buscar o violino. Minha mulher dirigiu-se para o piano, escolhendo as partituras. Não esqueci um só dos pormenores dessa noite! Ele chegou com a caixa, abriu-a, tirou a manta, bordada por mãos de mulher, e começou afinando o violino. Minha mulher queria aparentar tranquilidade, mas via-se que estava nervosa, receosa de não tocar bem. Sentou-se e deu o *lá*. Ouço ainda os *pizzicati* do violino, vejo-os dispor a música, percorrerem a sala com o olhar, trocarem algumas palavras e começarem tocando a *Sonata a Kreutzer*, de Beethoven. Conhece o primeiro *presto*? Conhece? Oh! Oh!

Pozdnychev suspirou profundamente e permaneceu silencioso durante muito tempo.

— É espantosa essa sonata! E esse *presto* é a parte mais terrível. De resto, toda ela é espantosa! O que é a música? Como pode produzir tais efeitos? E dizem que eleva as almas? Mentira! Estupidez! Exerce um grande poder sobre nós, mas não eleva as almas, não! Excita-nos! Vou explicar-me. A música domina-me. Faz-me esquecer de mim, leva-me a crer no que não creio, faz-me compreender o que não compreendia; cede-me um poder que não possuo. Produz-me o efeito do riso ou do bocejo, quando ouço rir ou bocejar. Assim a música me conduz à mesma disposição moral em que se encontrava o autor quando a escreveu. Confundo a minha alma com a sua e vibro do mesmo sentimento. Porquê? Não sei.

»Mas Beethoven, quando escreveu a *Sonata a Kreutzer*, sabia muito bem donde provinha esse estado que o levava a praticar certas e determinadas ações que, para ele, tinham uma razão de ser e que para mim não a tinham. Eis o motivo por que a música excita em vão. A marcha ajuda a caminhar, uma valsa faz-nos dançar, a música sacra arrasta-nos aos pés do altar. Esta tem razão de ser. Dá um resultado. Mas a outra não. É pura excitação, sem um fim, sem um resultado prático. Daí provêm todas as funestas consequências da música.

»Na China, o governo tem o monopólio da música. Todos os governos deviam fazer o mesmo. Como pode ser permitido hipnotizar tanta gente para obter tudo o que possa desejar-se? E consentir que exerça esse poder um homem qualquer, sem escrúpulos, sem consciência? Hoje a música é uma arma terrível nas mãos de alguns... Essa *Sonata a Kreutzer*, esse *presto* (e há muitas

assim!) não devia ser permitido executá-lo numa sala onde há senhoras decotadas, não devia ser permitido aplaudi-lo, e passar adiante... Essa música só deveria fazer-se ouvir em certos e determinados momentos. Nada mais perigoso do que provocar desejos que não podem nem devem manifestar-se.

»Essa música exerceu sobre mim um poder estranho, único! Sentia de um modo diverso, parecia-me possuir uma outra alma. Não sentia ciúmes. Encarava os homens sob um outro prisma. Essa *Sonata* transportou-me a um outro mundo onde não podiam existir os zelos, que nos apareciam como futilidades indignas de prender-nos a atenção. Depois da *Sonata* executaram vários trechos, entre eles uma elegia de Ernst. Eram arrebatadores, mas não produziam a impressão do primeiro. Senti-me bem disposto durante o resto da noite. Quanto a minha mulher, nunca a vira assim; com aquele ar tão digno, aquele olhar tão cintilante e o sorriso doce e tocante com que agradecia. Vi tudo isto, mas não lhe liguei importância. Julguei que ela vibrara como eu ao sentir a música despertar-lhe na alma sentimentos até então desconhecidos.

»Daí a dois dias devia partir para tomar parte na assembleia de Zemstvo. Ao despedir-se, Troukhatchevsky perguntou-me quando eu regressava, pois desejava despedir-se de nós antes de deixar Moscovo. Depreendi dessa pergunta que ele compreendera que não devia frequentar-me a casa durante a minha ausência. Como devia partir antes do meu regresso, era evidente que nos não tornaríamos a encontrar. E despedimo-nos. Pela primeira vez lhe apertei a mão com verdadeiro prazer, agradecendo-lhe os bons momentos que nos proporcionara. Despediu-se de minha mulher, que me pareceu natural e simples. Tudo acabara bem. Eu e minha mulher estávamos

encantados com a nossa festa. Falámos das impressões recebidas. Sentíamo-nos bem dispostos um para com o outro. Havia muito que não experimentávamos esse sentimento de mútua cordialidade.

XXIV

— Dois dias depois, deixava minha mulher e partia para o Zemstvo na melhor das disposições. O distrito estava animadíssimo. Havia todo um mundo aparte de pequenos comerciantes. Durante dois dias tive sessões que duravam dez horas. Na segunda noite, ao regressar a casa, encontrei uma carta dela. Falava-me das crianças, do tio, de várias compras e de uma visita de Troukhatchevsky, que lhe fora levar umas partituras. Tinha-lhe pedido para tocarem qualquer coisa, mas ela recusara. Não me recordava de ter ouvido falar em tais partituras. Parecera-me até que ele se havia despedido definitivamente e a notícia da sua visita impressionou-me desagradavelmente. Reli a carta. Pareceu-me forçada, tímida. O ciúme abrasou-me. Senti-me feroz, como o animal ferido. Tentei conter-me. Para quê ter ciúme? Nada mais natural do que essa visita. Deitei-me e adormeci sem pensar em minha mulher.

»Em geral dormia pouco durante o período das assembleias do Zemstvo. Nessa noite adormeci logo. Mas, de súbito, acordei com o pensamento nela. Recordei o nosso amor sensual, pensei em Troukhatchevsky. Tive a sensação de que se entendiam. De novo senti no coração a raiva e o ciúme. De novo tentei dominar-me. *É estúpido, pensava eu, não tenho razão para ciúmes. Nada existe entre eles. Para que aviltá-la com tão disparatado ciúme? Ele, um violinista a quem se paga» e minha mulher! É verdade que ele tem fama de conquistador, mas ela é honesta e digna. É absurdo. Mas... porquê? Podem perfeitamente amar-se. O sentimento que me fez*

seu marido foi o desejo, o amor carnal. Ele e outros podem bem sentir por ela a mesma coisa. Ele é celibatário, robusto, eu notei como ele quebrava com os dentes os ossos das costeletas e como bebia bem. Bem alimentado, bonitas maneiras, deve ter como princípio aproveitar todos os prazeres. A música, esse terrível excitante, deve ser um traço de união entre ambos. O que pode retê-lo? Nada. Pelo contrário, tudo o atrai. E ela? Ela é ainda o que sempre foi para mim: um enigma. Deela apenas conheço a parte animal. Ora o animal não deve conter-se ou ser contido.

»Recordava a expressão dos seus rostos ao findarem a *Sonata a Kreutzer* e depois, ao executarem um trecho qualquer excessivamente sensual. *Como pude eu partir?*, pensava, evocando essa visão. É claro que estavam de acordo. Via-se-lhe no rosto, no olhar, no embaraço dela. Revi-a sorrindo docemente, o olhar iluminado, radiante. Não se atreviam a fitar-se e, só à ceia, quando ele lhe deitou água no copo, é que trocaram um olhar e um impercetível sorriso. Com que terror eu evocava agora esse sorriso e esse olhar. *Está perdida*, dizia. E uma outra voz murmurava no meu íntimo: *Não. É impossível. És vítima de uma obsessão.*

»A escuridão pesava-me. Acendi a vela. Impressionou-me mal o quarto, pequeno, forrado de amarelo. Pus-me a fumar cigarros, uns sobre outros. Não consegui tornar a adormecer. Às cinco horas, conquanto ainda fosse noite, resolvi partir. Chamei o porteiro e mandei-o buscar uma carruagem. Escrevi para Zemstvo, pedindo para me substituírem por outro, pois que negócio urgente me chamava a Moscovo. Às sete horas subia para o *tarantass*⁸ e partia.

XXV

— Eu tinha a fazer trinta e cinco *verstes*⁹ de carro e ainda me ficavam oito horas de comboio. A primeira parte foi encantadora. Estávamos no outono. Fazia frio, mas havia sol. As rodas deixavam sulcos na estrada lisa. O sol cintilava, a brisa era fresca. O *tarantass* era confortável. Eu olhava os cavalos, os campos, os transeuntes, e esquecia completamente o fim da viagem. Parecia-me que dava um passeio sem fim determinado, que iria percorrer mundo até morrer. Quando me recordava o motivo por que apressara o meu regresso, tentava reagir. *Visto que vou saber a verdade, para que hei de apoquentar-me?*

»A meio caminho sucedeu um desastre. O *tarantass*, um carro novo, partiu-se. Foi preciso concertá-lo. Procurar abrigo, assistir às reparações, pagar, tomar chá na estalagem, dar dois dedos de cavaco ao estalajadeiro, tudo isso constituiu, para mim, uma agradável variante. À noite estava concluído o concerto do carro e continuei a viagem, sempre interessante. Caía neve, embora pouca. A lua, em quarto crescente, iluminava o espaço. O caminho era magnífico, os cavalos finos, o cocheiro tagarela. Assim fui, alegre, sem pensar no que iria suceder. E daí, talvez eu tivesse a intuição do que me esperava e a minha alegria fosse o adeus aos prazeres da vida. Mas toda essa tranquilidade, toda essa despreocupação cessaram logo que deixei o *tarantass*.

»A viagem em comboio foi um tormento para mim. Essas oito horas foram torturantes. Nunca as esquecerei. Não sei se era a

trepidação que me excitava, se a ideia de que se aproximava o termo da jornada. Fosse o que fosse, desde que subi para o comboio não houve cena de deboche que a minha imaginação não me representasse. Oh, as cenas de cinismo, as cenas de lúbrica volúpia que eu *via* sucederem-se durante a minha ausência! O ciúme, a raiva, a indignação disputavam-se, dilacerando-me o coração como abutres esfaimados. *Via-os* sempre, não podia deixar de *vê-los* e cada vez me convencia mais de que era verdade tudo o que no meu espirito doente se representava. Parecia-me que um demónio se comprazia em torturar-me, desvendando-me o que se passava a tantas léguas de distância.

»Lembrei-me de uma conversa que, em tempos, tivera com um irmão de Troukhatchevsky. Eu perguntara se ele frequentava os lupanares. Respondera que um homem que se preza não vai a esses sítios anti-higiénicos e vis, onde corre o risco de apanhar alguma doença, quando é tão fácil encontrar-se uma mulher honesta da qual nada há que temer, E o seu irmão, o violinista, encontrara justamente isso: uma mulher séria. É verdade que não era muito nova, tinha falta de um dente e era um pouco nutrida... mas adeus, não há que escolher. Ela julgava-se muito honrada com o amor dele e ele tinha o que era preciso sem correr risco algum. E eu pensava que esse caso se repetia agora com minha mulher. Em vão reagia. Lembrava os protestos que ela me fizera, poucos dias antes de ausentar-me. Mas tudo isso era mentira! Sim, não me restava dúvida.

»No meu compartimento iam mais dois passageiros, um homem e uma senhora, ambos pouco faladores. Desceram na primeira estação e eu fiquei só. Era como uma fera engaiolada! Ora

me levantava, ora me sentava, debruçava-me da portinhola, batia o pé, como se os meus movimentos contribuíssem para apressar a marcha do comboio. Os vidros e os bancos do comboio estremeciam a todo o momento. Exatamente como sucede a estes!

Pozdnychev levantou-se, deu duas ou três voltas febris e voltou a sentar-se.

— Metia-me pavor essa carruagem! Sentia-me gelar, sentei-me. Tentei pensar noutra coisa. Recordei o estalajadeiro, mas ao evocá-lo surgia a imagem do netito, da idade do meu Vassia. Meu Vassia, meu querido Vassia! Veria ele o violinista beijar a mãe? Que pensaria ele, pobre criança? Bem lhe importa a ela! Ama! E via minha mulher abraçar o amante na presença de meus filhos. Sofria a ponto de sentir-me enlouquecer.

»Lembrei-me de que podia atirar-me para a linha e terminar assim o meu martírio. Mas senti um dó imenso de mim mesmo. Este dó aumentou o meu rancor contra a culpada. A ele não o odiava. Humilhava-me o seu triunfo e a minha derrota. Mas a ela, oh!, a ela detestava-a com todas as veras da minha alma. E havia de matar-me para deixá-la livre, gozar os seus amores? Nunca! Impor-lhe-ia um tormento igual ao meu.

»Na segunda estação descí. Bebi um copo de vodka e voltei para a minha carruagem. Para que me atormentaria assim? Como podia garantir que eram fundadas as minhas suspeitas? Estava louco! Mas perante os meus olhos passavam as mesmas torturantes visões. Quantas vezes os meus ciúmes haviam sido injustos! E dessa vez sucederia o mesmo. Ia encontrá-la adormecida, veria na sua surpresa a alegria que lhe dava o meu regresso. Convencer-me-ia da

injustiça das minhas suspeitas... Não! Não! Muita vez assim fora! Agora o mal era irremediável! Ah! Que martírio, que suplício!

»Para desviar um adolescente dos perigos do amor não o devemos conduzir ao hospital, mas sim mostrar-lhe a tortura de uma alma, debatendo-se na agonia em que se debatia a minha. E o pior era eu estar persuadido que tinha um indiscutível direito sobre o seu corpo, como se ela fosse realmente carne da minha carne! E contudo compreendia que não a dominava e que ela podia dispor, conforme quisesse, do seu corpo e do seu coração, logo que a sua vontade não fosse conforme aos meus desejos! Sentia-me impotente perante ele e mais ainda perante ela!

»E se ela não tivesse pecado? Se tivesse apenas sentido o desejo sem a ele ceder? Tanto pior!... Mais valia que o crime se houvesse dado, mais valia saber tudo! Terminado seria o meu horrível tormento. Nem sabia o que mais desejava: se sabê-la culpada, se encontrá-la inocente. Oh, o que eu queria era que ela não quisesse o que fatalmente havia de querer! Estava doido!

XXVI

— Na penúltima estação, quando o revisor me pediu o bilhete, peguei na mala e passei para a plataforma. À medida que se aproximava o termo da jornada, aumentava a febre que me devorava. Tinha frio, sentia arrepios, os dentes batiam uns contra os outros. Saí maquinalmente da gare e meti-me num carro, que mandei bater para casa. Durante o trajeto olhei as tabuletas, os transeuntes, sem pensar, numa espécie de entorpecimento. De repente senti que tinha os pés gelados. Lembrei-me de que havia tirado as polainas de lã e que as tinha metido na mala. Onde tinha eu a mala? Esquecera-me da bagagem. Mas pensei que não valia a pena voltar atrás. Hoje não posso compreender a minha pressa de então! Tinha o pressentimento de qualquer coisa de terrível, de atroz! Compreendia que ia dar-se um acontecimento de importância capital, mas não posso dizer se sonhava ou se estava acordado. Esse acontecimento trágico lançou um véu lúgubre sobre as horas que o precederam.

»A carruagem parou no pátio. Era meia noite e meia hora. As janelas da sala e da casa de mesa estavam iluminadas. Sem tentar compreender o porquê de, a essa hora, haver ainda luz nas salas, opresso sempre pela mesma angústia, subi e toquei. Yegor, o meu velho e fiel criado, veio abrir. A primeira coisa que vi foi a *sua* capa pendurada no cabide. Não me surpreendeu. Se eu já o esperava! Era verdade.

»— Quem está, Yegor?

»— O senhor Troukhatchevsky.

»— E quem mais?

»— Mais ninguém, meu senhor.

»Respondeu em tom satisfeito, como se devesse causar-me prazer o facto de não estar mais ninguém! *É isso!*, pensei.

»— E as crianças?

»— Graças a Deus, estão bem. Dormem há muito!

»Custava-me a respirar. Continuava a tiritar. Quanta vez viera a casa atormentado por uma suspeita e quanta vez essa suspeita fora infundada! Agora não podia restar a menor dúvida. As visões, que durante a jornada me haviam atormentado, eram reais! Senti vontade de chorar. Mas pensei: *Isso! Põe-te a chorar, entretanto eles terminarão a entrevista e separar-se-ão sem que fiques sabendo nada de positivo!* Desapareceu, como por encanto, essa doentia sensibilidade. Quis dar prova de firmeza, de astúcia, de habilidade. Tornei-me de uma ferocidade de selvagem. Yegor encaminhava-se para a sala.

»— Não — disse eu — vai antes buscar as minhas bagagens. Despacha-te.

»Ele foi ao corredor buscar o casaco. Segui-o, receando que ele os prevenisse. Na casa de mesa ouvi ruído de vozes e de talheres. Ceavam. Não tinham dado pelo toque da campainha. *Contanto que não saiam agora!*, pensei. Yegor abotoou o casaco e saiu. Fechei a porta.

»Uma vez só, senti-me profundamente emocionado. Ansioso, pensei que era preciso proceder. Proceder... Como? Não sabia. Sabia unicamente que não podia mais duvidar do meu ciúme e que tudo entre nós ia terminar. Duvidara até então... Agora tinha a certeza. A

essa hora da noite a sós com ele! Francamente, era demais! Era de uma audácia, de uma imprudência propositadas para que o excesso demonstrasse a inocência... Estava bem evidente! O que eu receava era vê-los separarem-se ou preparem qualquer embuste para que eu me visse privado do prazer doloroso de poder condená-los e... puni-los.

»Para surpreende-los fui, em bicos de pés, pelo corredor, atravessei os quartos das crianças. No primeiro dormiam os rapazes. Nenhum se moveu. No segundo a ama fez um movimento quando eu passei. Que pensaria ela quando soubesse da minha desgraça? Invadiu-me de novo o sentimento de dó e os olhos encheram-se-me de lágrimas. Para não acordar as crianças, voltei para o corredor e dali para o meu gabinete, onde me deixei cair sobre o sofá. *Que infelicidade! Educado tão honestamente por meus pais, tendo toda a vida acariciado o sonho de um lar feliz e puro, ver assim naufragar tudo! Cinco filhos! E ela esquece tudo! Deixa-se abraçar e beijar por esse músico... Porquê? Porque tem os lábios vermelhos... Não é mulher! É uma cadela!*

»E procedia assim, na sala contígua ao quarto dos filhos que ela fingira sempre amar! E tivera coragem para escrever-me! E, quem sabe? Talvez que sempre assim tivesse sido! E essas crianças, que eu julgava minhas, sejam talvez filhos de um criado! Se eu tenho regressado no dia seguinte, ela viria para mim, sorridente e calma, vestida com garridice, graciosa e indolente! E via o rosto encantador, o olhar suavíssimo. Oh, como eu a desprezava! O ciúme enlouquecia-me. Que pensariam a ama, Yegor e Luísa? Esta já compreende. Como ela era desprezível, impudente, mentirosa, sensual!

»Tentei levantar-me. Não pude. O coração batia desordenado. As pernas vergavam. *Se eu morrer de uma congestão... Ela mata-me! É o que ela quer! Mas eu não me deixo matar assim... Não lhe darei esse gosto. Eu sofro... eles riem... Ele não a achou velha... apeteceu-lhe... pode gozar sem perigo para a sua preciosa saúde! Oh! Porque não a estrangulei na noite em que a pus fora do meu gabinete?*

»Recordei a cena de então. Acometeu-me o mesmo furor. Enraivecido, perdi a noção de tudo quanto não fosse o desejo ardente da vingança. Não tive mais hesitações. Descalcei as botas. Fui à panóplia que ficava por cima da secretária, tirei um punhal de Damasco, de fina lâmina, virgem de sangue. Arranquei o punhal da bainha. Esta (lembro-me como se fosse ontem) caiu para trás do canapé. Decidi apanhá-la mais tarde. Tirei o casaco de abafar e saí do gabinete. Não sei como saí, quais os quartos que atravessei, se fui depressa, se devagar. Não sei como cheguei à casa de mesa, como abri a porta, como entrei... Nada me ficou na lembrança.

XXVII

— Mas recordo-me bem da expressão das suas fisionomias quando me viram. Que dolorosa impressão de prazer não foi a minha ao ler-lhes no olhar o terror que me provava o seu crime! Nunca esquecerei o desespero, o pavor que lhes alterou as feições. Ele estava sentado à mesa e, ao ver-me, deu um salto para o lado do aparador. Tudo no seu rosto revelava o medo. A expressão dela não era igual: tinha medo, sim, mas lia-se-lhe também no rosto a cólera e a contrariedade. Pelo menos assim me pareceu, e foi talvez este o verdadeiro motivo da catástrofe. Pareceu-me ler, no olhar dela, despeito de ver-se perturbada na ocasião em que se preparava para ser feliz...

»Mas os seus rostos mudaram. Os seus olhares tornaram-se interrogativos. Se pudessem ainda mentir... Era preciso falar, mas que dizerem? Ele interrogou-a num olhar rápido. Ela fitou-o durante um segundo e todo o seu despeito, toda a sua cólera deu lugar à inquietação, ao receio do que podia suceder-lhe a ele. Eu permaneci, durante alguns segundos, de pé, entre os umbrais, escondendo o punhal. Ele decidiu-se a dizer qualquer coisa e, num tom indiferente, verdadeiramente ridículo, naquele momento disse: *Estivemos tocando alguns trechos...* E ela, no mesmo tom ligeiro: *Que surpresa!*

»Não ousaram continuar. Viram-me, acometido de louco furor, entregar-me à violência da indignação que em mim fervia. E calaram-se, perplexos, Precipitei-me sobre ela, escondendo sempre

o punhal, procurando o sítio onde havia de feri-la. Ela notou o meu gesto e, com surpresa minha, segurou-me pelo braço, gritando: *Por Deus, sossega! Socorro!* Desprendi-me das suas mãos e voltei-me para ele. A minha expressão devia ser bem terrível, pois que o vi empalidecer; li no seu olhar uma estranha expressão e, sem que eu pudesse esperar tal coisa, vi-o curvar-se, passar por baixo do piano e dirigir-se lentamente para a porta. Quis segui-lo. Senti-me preso. Era ela que me segurava pelo braço esquerdo. Tentei desprender-me. Em vão. Não me largava.

»Esse obstáculo inesperado, esse peso, esse contacto aborrecido aumentaram a minha raiva. Senti-me enlouquecer. Tive a intuição de quanto o meu aspeto devia ser horrendo e a minha exaltação aumentou. Fiz um esforço para libertar-me e o meu cotovelo esquerdo foi atingi-la em pleno rosto. Ela soltou um grito e deixou-me. Pensei em persegui-lo ainda. Mas lembrei-me de que estava em meias, de que seria ridículo perseguindo assim o amante de minha mulher. Não me importava ser horrendo, não queria parecer grotesco. Mau grado o furor que de mim se apoderara, preocupava-me ainda a impressão que nos outros podia produzir, porque esta preocupação fora sempre, por assim dizer, a base de todo o meu procedimento,

»Voltei-me para ela. Sentada no sofá, com a mão na face contusa, olhava-me. O seu olhar exprimia o medo, o ódio. Lembrava o olhar do rato caído na armadilha. Fora esse ódio, esse medo que a haviam lançado nos braços de outro. Se ela não fala, talvez o desastre se tivesse evitado. Mas ela falou, procurando apoderar-se-me da dextra que segurava o punhal.

»— Vejamos I Sê razoável! Que queres tu fazer? Que tens? Juro-te que nada há entre nós...

»Eu hesitava ainda. Estas palavras mentirosas decidiram-me. A mentira infame exigia uma resposta. Essa resposta eu ia dar-lha no auge do furor:

»— Não mintas! Não mintas, desgraçada!

»Com a mão esquerda segurei-lhe os pulsos. Ela desviou-se. Então, sem deixar o punhal, lancei-lhe as mãos ao pescoço e prostrei-a, pronto a estrangulá-la. Agonizante, teve um gesto violento para libertar-se. Foi então que lhe enterrei o punhal do lado esquerdo, acima das costelas.

»Os que pretendem não se lembrar do que fizeram num momento de furor mentem. Nunca perdi a consciência dos meus atos. Quanto maior era o meu desespero, mais clara se tornava a noção do que se estava passando. Não digo que previsse o que ia suceder, mas compreendia tudo: a possibilidade de uma reconciliação, o facto de que só da minha vontade dependia a sua vida, e sabia que, enterrando o punhal acima das costelas, o punhal entraria facilmente. Compreendia que estava praticando um ato horrível que nunca praticara e que me traria terríveis consequências. Tudo isto me passou pela mente como um relâmpago na ocasião da catástrofe.

»Recordo-me de toda a cena: sinto a resistência oferecida pelo espartilho, depois a carne tenra onde o punhal se enterrou. Ela tentara segurar a arma. Ferira-se sem poder evitar o golpe. Mais tarde, na prisão, após a revolução moral que em mim se operou, revi toda a cena e perguntei a mim próprio qual devia, qual podia ter sido o meu procedimento. Tenho ainda presente o instante que

precedeu o ato horrível e durante o qual tive a consciência de que ia matar, cobardemente, minha própria mulher! A recordação desse momento persegue-me ainda. Creio que retirei logo o punhal, como para reparar o mal que fizera! Ela ergueu-se, gritando: *Ama! Ele matou-me!*

»A ama entrou. Eu esperava, de pé, não querendo acreditar no que se dera. Nesse momento, uma golfada de sangue veio cair-me quase aos pés. Compreendi que o mal era irreparável. De resto para quê desejar que o não tivesse sido se assim tinha de suceder um dia? Permaneci imóvel até vê-la cair. A ama correu para ela, gritando: *Oh, meu Deus!*

»Arremessei o punhal e saí. *Não nos perturbemos*, pensava eu, *conservemos a noção dos nossos atos*. Sem olhar para ela, sem olhar para a ama, saí. Ouvei a criada gritando por socorro. Atravessei o corredor, mandei a criada grave para perto da senhora e entrei no meu gabinete. Que fazer? Fui à panóplia, tirei um revólver, examinei-o. Estava carregado. Pu-lo sobre a mesa. Apanhei a bainha do punhal e sentei-me. Permaneci longo tempo abstrato: sem um pensamento, sem uma ideia. Ouvei passos, movimento, o rodar de uma carruagem, depois outra. Yegor trouxe-me a mala... como se eu precisasse dela!

»— O que sabes? — perguntei. — Diz ao guarda-portão para chamar a polícia.

»Ele saiu sem responder. Levantei-me, fechei a porta, acendi um cigarro. Não acabei de fumar. Adormeci. Dormi bem duas horas. Sonhei que tinha feito as pazes com ela e que nos amávamos. Acordei ouvindo bater à porta. *É a polícia*, pensei. *Creio que a matei... e daí talvez não.*

»Bateram de novo. Não respondi. Perguntava a mim mesmo se fora ou não um pesadelo. Sim... era verdade. Recordava a resistência do colete, depois... Matara-a! Devia matar-me também. Pensava no suicídio e tinha a certeza de que me não suicidaria. Todavia levantei-me e peguei no revólver; pensara tanta vez em suicidar-me, julgando assim castigá-la... E agora... não podia pensar em tal. Para quê havia de matar-me?

»Bateram de novo. Depois o revólver, escondi-o debaixo de um jornal e fui abrir. Era minha cunhada, uma viúva bondosa e simples.

»— Vassia! O que sucedeu? — perguntou, chorando copiosamente.

»— Que quer? — perguntei brutalmente.

»Compreendi que não tinha motivos para ser brutal, mas era impossível falar noutro tom.

»— Vassia! Ela vai morrer, assim o disse Ivan Zakarievitch.

»Era o médico, o conselheiro.

»— Ah, ele está aqui? — perguntei furioso. — E então? Que me quer?

»— Vassia, vai vê-la! Oh, que horror! Que horror!

»— Ir vê-la?

»Assim devia ser, pensava, pelo menos nos meus casos. Iam recomeçar as caretas, as explicações. Nada ganharia com isso. Não me deixaria vencer.

»— Espere — disse eu. — Deixe-me calçar os sapatos, não tem jeito ir em meias.

XXVIII

— Estranho facto! Ao atravessar os quartos tive novamente a esperança de que tudo houvesse sido um mau sonho! Mas senti o cheiro do iodofórmio e do ácido fénico! Era verdade! Ao passar pelo corredor avistei Luísa. Olhou-me esgazeada, cheia de pavor. Parece-me ver os outros cinco dirigirem-me o mesmo olhar.

»Cheguei ao quarto. A criada abriu a porta e saiu. A primeira coisa que me deu nas vistas foi o seu vestido cor de pérola todo manchado de sangue. Ela estava sobre o nosso leito, com os joelhos dobrados, quase direita, rodeada de almofadas, com o corpete aberto. Tinham concluído o curativo. Todo o quarto cheirava intensamente a iodofórmio. Parte do nariz e do rosto estavam negros da pancada que lhe dera ao querer libertar-me dela. A sua beleza desaparecera. Notei-lhe o que fosse de repugnante. Parei perto da porta.

»— Venha, aproxime-se — disse minha cunhada,

»Aproximei-me. *Devo perdoar?*, pensava. *Sim? Pois que vai morrer*, e cheguei-me para perto do leito. Ela ergueu para mim os olhos, um dos quais estava inchado, e disse com dificuldade:

»— Conseguiste o teu fim. Mataste-me.

»O seu rosto traía a dor física e, através da expressão de dor, eu lia o mesmo ódio, tão meu conhecido.

»— As crianças... não as terás... minha irmã... ficará com elas...

»Nem uma palavra sobre a sua traição, dir-se-ia não lhe ligar importância.

»— Vamos, alegra-te... completa a tua obra!

»O seu olhar desviou-se para a porta, onde a irmã estava com as crianças. Olhei para estas e depois fitei-a, a ela, novamente. Vi-lhe o rosto transtornado, esqueci os meus direitos, o meu orgulho, vi nela uma criatura humana, uma irmã. Esqueci ofensas e ciúmes. Como tudo isso me parecia mesquinho! O meu ato figurou-se-me terrível. Tive vontade de ajoelhar, pegar-lhe na mão e murmurar: *Perdoa-me!*

»Não ousei. Ela calava-se, de olhos fechados, sem forças. No rosto desfigurado passou uma contração, repeliu-me.

»— Porque procedestes assim?

»— Perdoa-me!

»— Sim! Se me não tivesses matado! — exclamou. Os olhos brilharam. — Perdoar! Loucura! Se eu não morresse! Mas conseguiste o teu fim! Odeio-te! — O delírio sobreveio. — Dispara... não tenho medo... mata-nos... a ele também.... ele fugiu...

»Não reconheceu ninguém. Nem as crianças, nem Luísa, que se lhe aproximara soluçante. Morreu ao meio dia. Eu fora preso às oito horas da manhã. Na cadeia esperei onze meses pelo dia do julgamento. Refleti muito. Aprendi a conhecer-me. Três dias depois de ter sido preso fui conduzido a minha casa...

Pozdnychev interrompeu-se. Sacudiam-no os soluços. Passados momentos, prosseguiu:

— Quando a vi no caixão, compreendi o meu erro!

Suspirou profundamente e continuou:

— Só compreendi o alcance do ato que praticara ao ver-lhe o rosto cadavérico. Compreendi que fora eu que a matara, que a mergulhara no nada... Ela estava ali, inerte, fria, imóvel, qual estátua, porque eu assim o quisera! Era irreparável o mal que eu praticara! Quem não passou por transe destes não os pode compreender!

Permanecemos silenciosos. Pozdnychev tremia, chorava.

— Sim! — disse ainda. — Se eu soubesse o que hoje sei, nada teria sucedido! Nunca a teria desposado! Não me casaria! Nunca!

E após novo silêncio:

— Aqui tem o que eu fiz! Todas as provações por que passei. É preciso compreender o sentido do Evangelho de S. Mateus. É preciso saber que esta frase, «Todo aquele que olhar para uma mulher com olhos de cobiça pratica o adultério», se não aplica unicamente à mulher do próximo, mas também à nossa própria mulher.

NOTAS

1 — O *Domostroi* é um código matrimonial, do tempo de Svan, o terrível, no qual é dado à mulher, com referência ao homem, um lugar perfeitamente subalterno.

2 — Espécie de cidra.

3 — Papas de farinha de aveia, temperadas com banha de porco.

4 — Trouba: passeio de Moscovo onde há um magnífico restaurante.

5 — Gratchevka: convento situado nas imediações da Escola Médica.

6 — Toucado que usam as amas russas.

7 — Assembleia geral.

8 — *Tarantass*: carro de viagem, bastante vasto.

9 — *Verstes*: medida itinerária da Rússia correspondente a 1,067 metros.